

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO LOCALIDADE	CÓDIGO DA FICHA					
	PE	01	01	12	F11	01
	UF	SÍTI	LOC.	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTI	Região Metropolitana do Recife
LOCALIDADE	Recife
MUNICÍPIO / UF	Recife/PE

2. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O **ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS**.



Foto 01 (Fonte: <http://www.recife.pe.gov.br/cidade/projetos/fotosdorecife/index.html>)

Assunto: Bairro do Recife



Foto 02 (Fonte: <http://www.recife.pe.gov.br/cidade/projetos/fotosdorecife/index.html>)

Assunto: vista geral do Mercado de São José

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE		PE	01	01	12	F11	01
------------------------------------	--	----	----	----	----	-----	----



Foto 03 (Fonte: <http://www.recife.pe.gov.br/cidade/projetos/fotosdorecife/index.html>)

Assunto: vista geral do Marco Zero do Recife



Foto 04 (Fonte: <http://www.recife.pe.gov.br/cidade/projetos/fotosdorecife/index.html>)

Assunto: vista geral do Pátio de São Pedro

3. REFERÊNCIAS CULTURAIS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS BENS INVENTARIADOS, CONSULTAR O ANEXO 3: *BENS CULTURAIS INVENTARIADOS*.

SÍNTESE

(Celebrações)

Abertura do Carnaval: Trata-se de uma celebração de abertura oficial do carnaval da cidade do Recife. Nessa ocasião, o prefeito passa a chave da cidade ao Rei Momo. Nessa celebração diversas nações de maracatu se reúnem em frente a um grande palco erguido no Marco Zero onde se encontra o renomado percussionista, Naná Vasconcelos, que, com o auxílio dos mestres de batuque, rege os maracatus nação juntos.

Acorda Povo: Acorda povo é a denominação utilizada para nomear uma celebração realizada durante o ciclo junino, normalmente na semana que antecede o dia de São João, em vinte e quatro de junho. Trata-se de um cortejo em que várias pessoas saem às ruas, após a meia-noite, cantando músicas em louvor a São João Batista, acompanhando um estandarte e um andor com a imagem do santo, enfeitado por flores diversas. Dado os processos de composição entre diferentes religiões, principalmente o cristianismo e a religião dos orixás, o acorda povo foi uma das formas escolhidas por diversas comunidades de terreiro para celebrar, ao mesmo tempo, São João Batista e Xangô. Atualmente o Maracatu Nação Cambinda Estrela é o único que celebra o Acorda Povo.

Bacalhau na Quarta Feira de Cinzas: O Bacalhau da Quarta Feira de Cinzas era uma celebração onde os maracatuzeiros saíam pelas ruas de suas comunidades para arrecadar proventos para fazer uma bacalhoadade

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE				PE	01	01	12	F11	01
------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

encerramento do carnaval. Em alguns grupos, os batuqueiros saíam vestidos de mulher, tocando maracatu e pedindo dinheiro. O dinheiro que se arrecadasse era, via de regra, destinado à compra de cachaça, enquanto que o bacalhau era doado pelo articulador ou presidente do grupo. De acordo com as entrevistas realizadas neste INRC, nenhum maracatu do Recife realiza o Bacalhau na atualidade, tratando-se de uma celebração que faz parte da memória dos maracatuzeiros.

Baque da Alvorada: Trata-se de uma reunião festiva dos batuqueiros e demais integrantes do maracatu, que se encontravam na noite da sexta-feira da semana pré-carnavalesca, ou na madrugada do sábado de Zé Pereira. Às cinco horas da manhã, uma bandeira do maracatu era hasteada em frente à sede sob o espocar de fogos de artifício, enquanto os batuqueiros tocavam o baque da nação. Era o anúncio da chegada do carnaval.

Carnaval do Recife: festa celebrada em quase todo o mundo, sendo muito popular o Brasil. Em Recife, desde fins do século XIX, o carnaval é uma festa popular, contando, não só com bailes em salões fechados, como também com blocos de rua, e desfiles de variadas manifestações da cultura popular pernambucana, como maracatus nação, maracatus de orquestra, caboclinhos, tribos de índios, bois, ursos, blocos de frevo, escolas de samba, dentre outros.

Coroação do Rei e Rainha de Maracatu: A coroação de reis e rainhas de maracatu constitui-se em uma prática ritual que persistiu ao longo do século XX, de modo intermitente. Não há uma forma pré-determinada que conduza a celebração, assim como não há local específico ou data apropriada, ocorrendo de acordo com razões diversas, a depender do grupo de maracatu, do seu rei ou da rainha. Alguns traços comuns, no entanto, existem. Trata-se de uma cerimônia pública, de caráter sacro em que uma autoridade religiosa impõe sobre a cabeça de rei e/ou rainha uma coroa. A cerimônia de coroação confere ao rei ou rainha e seu maracatu grande valor simbólico.

Ensaios com o Naná Vasconcelos: Os ensaios dos maracatus nação com Naná Vasconcelos tiveram início em 2002, no mesmo ano em que foi instaurado o modelo do Carnaval Multicultural do Recife, primeiro ano em que o percussionista conduziu o show de abertura do carnaval recifense. Os ensaios ocorrem nas sedes dos maracatus onde Naná “treina” com os batuques as convenções que farão no show. Nas sextas-feiras, há ensaio na Rua da Moeda, onde em média dois ou três grupos ensaiam juntos.

Festa de Aniversário: A maior parte dos maracatus costuma celebrar publicamente a data de fundação da agremiação, promovendo uma festa em sua sede. A data de fundação e o tempo de existência de cada maracatu nação é bastante valorizado pelos maracatuzeiros. A festa de aniversário propicia ao grupo a rememoração da antiguidade do maracatu, bem como a afirmação de sua “tradição”.

Noite dos Tambores Silenciosos: Celebração que ocorre na segunda-feira de carnaval, no Pátio do Terço, em frente à Igreja de Nossa Senhora do Terço. Grupo a grupo, os maracatus nação se conduzem pela Rua Vidal de Negreiros em direção ao adro da igreja onde prestam homenagens aos seus antepassados, ou ancestrais, cantando toadas, acompanhados do batuque e do cortejo real. Chegando no palanque, cada nação realiza uma breve apresentação de seu baque e toadas e logo descem, se retirando do Pátio por uma rua lateral e abrindo espaço para que a próxima nação possa se apresentar. Em torno da meia-noite, o babalorixá Raminho de Oxossi conduz um ritual entoando cantos aos orixás. À meia-noite as luzes do Pátio são apagadas, uma pomba é solta, em oferta a Oxalá.

Obrigações Religiosas: As obrigações religiosas são celebrações realizadas pelos maracatus nação no intuito de obter proteção principalmente para o período carnavalesco. As obrigações são espaços privilegiados para a compreensão de como se constroem vínculos religiosos dos maracatus nação. Nessas obrigações, as nações de maracatu realizam oferecimentos, também conhecidos pela denominação de obrigações, às calungas, aos orixás, às entidades da jurema, aos eguns, além de instrumentos ou outros artefatos pertencentes aos maracatus nação como coroas, estandarte e pálio. Os artefatos, orixás e entidades que recebem obrigação variam de grupo para grupo, com exceção das calungas que recebem obrigação em todos grupos. O modo, a organização, os dias e a duração dessa celebração também são variáveis.

Terça Negra: A Terça Negra é um evento organizado pelo Movimento Negro Unificado (MNU), em parceria com a Prefeitura do Recife, no intuito de valorizar e dar visibilidade a grupos culturais negros. O evento ocorre, desde 2001, periodicamente nas noites de terça-feira no Pátio São Pedro, espaço público localizado no bairro de Santo Antônio, região central da cidade do Recife. No evento ocorrem apresentações ligadas à cultura negra, tais como afoxés, maracatus, hip-hop, samba, *black music*, capoeira, ou seja, performances nas linguagens de música, dança e demais

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE				PE	01	01	12	F11	01
------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

manifestações culturais.

Traga a Vasilha: Trata-se de um agrupamento de batuqueiros provenientes de diferentes maracatus nação, grupos percussivos ou mesmo curiosos que se juntam para tocar os baques de diversos maracatus nação, sobretudo o do Estrela Brilhante do Recife e do Estrela Brilhante de Igarassu. Os encontros ocorrem todas as sextas-feiras à noite, no bairro do Recife Antigo, na Rua Mariz e Barros, em frente ao Armazém 14. Qualquer pessoa pode trazer seu instrumento ou mesmo tomar emprestado de alguém e participar da desprestenciosa batucada.

(Edificações)

Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Recife: Na rua larga do Rosário, no bairro de Santo Antônio, encontra-se a igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, que foi edificada em 1630 pela irmandade do Rosário dos Homens Pretos, uma associação que era formada por escravos negros. A construção da igreja pode ser entendida enquanto uma forma de resistência com relação às condições adversas que viviam os escravos negros naquele momento, constituindo-se como um dos poucos espaços onde tais sujeitos poderiam se expressar. Dessa forma, manifestações como a coroação de reis Congo (festa na qual era coroado o rei de congo) possuía um caráter de resistência e de reelaboração simbólica, tal como a formação da Irmandade e a construção da Igreja de Nossa Senhora do Rosário.

Pátio de São Pedro: O Pátio de São Pedro, tal qual sua configuração urbana atual, surgiu da construção da igreja que lhe deu o nome nas primeiras décadas do século XVIII. Os pátios do Recife nasceram com funções religiosas, porque as cidades coloniais eram organizadas de acordo com princípios religiosos. Eram, então, usados para realização de procissões, missões e outros rituais. O Pátio São Pedro é sempre lembrado pelos maracatuzeiros por ser um local onde ocorrem apresentações culturais e eventos relacionados à cultura negra e também aos maracatus nação. Semanalmente, o Pátio São Pedro sedia o evento denominado Terça Negra, onde ocorrem eventos e apresentações culturais relacionados à cultura negra. Aos sábados, domingos e outros dias da semana também podem ocorrer eventos culturais diversos. No período do carnaval, São João e Natal, o pátio torna-se um dos principais polos de atrações da cidade.

Pátio do Terço: O Pátio do Terço é um espaço público que circunda a Rua Vidal de Negreiros, localizada no bairro de São José, próximo ao Forte das Cinco Pontas, região central da cidade do Recife. O espaço existe desde o início do século XVIII, período da ocupação holandesa, quando foram construídas várias trincheiras a mando de Maurício de Nassau. Uma dessas trincheiras foi aberta no atual Pátio do Terço - no bairro de São José. Após a expulsão dos flamengos, foi erguido no local um nicho com a imagem de Nossa Senhora do Terço, onde os moradores e visitantes ajoelhavam-se e rezavam. Foi a partir da devoção popular que a Igreja foi construída no início do século XVIII. Alta, com um campanário e apenas uma torre, o templo possui um coruchéu de azulejos, jarros ornamentais, um sino, uma pequena cruz com anjos e um relógio datado de 1726. Atualmente nesse espaço, além do comércio popular estabelecido cotidianamente, ocorre também eventos festivos ou mesmo religiosos ligados a manifestações da cultura popular. Dentre esses eventos, estão a Noite dos Tambores Silenciosos e o Encontro dos Afoxés, ambos durante o carnaval.

Sede do Maracatu Nação Almirante do Forte: O Maracatu Nação Almirante do Forte foi fundado em 07/09/1931 e está localizado na Estrada do Bongü, nº 1319, Bongü, Recife/PE. A Nação Almirante do Forte é composta principalmente pelas pessoas da própria comunidade, familiares do senhor Antonio José da Silva, conhecido como Sr. Teté; por pessoas de comunidades arredores; e também por pessoas de classe média que resolveram colaborar com o maracatu. Na sede são realizados ensaios (dentro da sala ou na rua em frente à sede), reuniões, festas, confecção de instrumentos e fantasias e adereços, além das oficinas oferecidas pelo maracatu, através da política dos pontos de cultura.

Sede do Maracatu Nação Cambinda Africano: O Maracatu Cambinda Africano foi fundado na segunda metade do século XX por Natércio Carneiro dos Santos, pai do atual presidente e mestre, Arlindo Carneiro dos Santos. Está localizado na Rua São Braz, nº 08, Recife/PE. Inicialmente chamado de Cambinda Africana, representava uma reunião de batuqueiros de maracatus que desfilavam pelas ruas travestidos de mulher, com o intuito de, simplesmente, se divertirem, aproveitando a oportunidade para pedir dinheiro, com objetivo de angariar fundos para realizar uma festa regada a bebidas e comidas. Na sede da nação são realizadas reuniões administrativas, confecção de figurinos, adereços e ensaios.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE				PE	01	01	12	F11	01
------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

Sede do Maracatu Nação Cambinda Estrela: Fundado em 1935, no Alto Santa Izabel, Casa Amarela, Recife, por migrantes oriundos da zona da mata norte pernambucana, o Maracatu Cambinda Estrela era um maracatu de baque solto, com forte presença no carnaval da comunidade de Casa Amarela. Dirigido pelo senhor Tercílio, com a colaboração de sua esposa, D. Inês, o grupo se manteve como um maracatu de baque solto até a década de 1960. Em 1994, um grupo de residentes em Chão de Estrelas e Campina do Barreto, juntamente com alguns estudantes universitários, resolveram recriar este grupo, e, desde 1995, é conduzido, no batuque, pelo mestre Ivaldo Marciano de França Lima. Atualmente localizado na Rua Marcílio Dias, nº 420, Campina do Barreto, Recife/PE. É conhecido como um maracatu de “festa e luta”, o Cambinda Estrela destaca-se por sua combatividade política, presente em palavras de ordem, letras das toadas compostas por Mestre Ivaldo e outros componentes do grupo, que aludem à questão racial, combatem as desigualdades sociais e raciais que atingem a grande maioria do grupo. A sede é também considerada um espaço de congregação da comunidade, pois nela se reúnem seus membros para a realização de assembléias e reuniões administrativas, além da realização de oficinas de percussão. A edificação não possui usos cotidianos, visto que a mesma não funciona como residência, exceto no período do carnaval quando os costureiros praticamente residem na casa.

Sede do Maracatu Nação Encanto da Alegria: A sede do Maracatu Nação Encanto da Alegria é de propriedade de Clóvis Cosme dos Santos, presidente da agremiação. Localizada na Rua Coremas, nº 40, Mangabeira, Recife/PE. Trata-se de uma edificação íntegra de categoria civil, construída em meados da década de 1980. A residência de Clóvis fica localizada no primeiro andar da edificação e na parte térrea funciona um terreiro. Na sede da nação são feitas reuniões administrativas, desenhos dos figurinos, confecção de figurinos (as peças maiores, como os vestidos, são feitas por costureiras que residem no bairro e que também fazem parte do maracatu) e adereços. Já no terreiro são realizadas algumas obrigações relacionadas ao maracatu, além de outras atividades que não estão relacionadas ao grupo propriamente. Os ensaios do maracatu são realizados na frente da sede.

Sede do Maracatu Nação Encanto do Dendê: A sede do Maracatu Nação Encanto do Dendê é de propriedade de Edmilson Lima do Nascimento, presidente da agremiação. Localizada na Rua Antônio Antão de Carvalho Reis, Nova Descoberta, Recife/PE. Trata-se de uma edificação íntegra de categoria civil, construída em meados da década de 1980. A edificação funciona como sede e residência de Edmilson, que a divide com sua esposa Elizabete Salvina Xavier. A edificação passou a funcionar como sede do maracatu durante o ano de 2005. No espaço ocorre a confecção de figurinos, adereços, instrumentos e também serve para a realização de reuniões administrativas.

Sede do Maracatu Nação Encanto do Pina: A sede do Maracatu Nação Encanto do Pina é de propriedade de Maria Cândida da Silva (Dona Quixaba), ialorixá responsável pelas obrigações religiosas referentes ao maracatu. Localizada na Rua Osvaldo Machado, nº 504, Pina, Recife/PE. Trata-se de uma edificação íntegra de categoria civil, construída por volta do ano de 2005. A edificação funciona como sede e residência da ialorixá, que a divide com familiares. Apesar da precariedade da edificação, Dona Quixaba e as demais lideranças do maracatu costumam realizar celebrações abertas para a comunidade, o que torna o espaço uma referência para encontros e sociabilidade.

Sede do Maracatu Nação Estrela Dalva: A sede do Maracatu Nação Estrela Dalva é de propriedade de Maciel Agripino dos Santos, presidente da agremiação. Localizada na Rua Pinheiro, nº 02, Joana Bezerra, Recife/PE. Trata-se de uma edificação íntegra de categoria civil, construída em meados da década de 1970. Na sede da nação são feitas reuniões administrativas, desenhos dos figurinos, confecção de figurinos e adereços. Os ensaios do maracatu são realizados na frente da estação de metrô de Joana Bezerra e no terreiro.

Sede do Maracatu Nação Estrela Brilhante do Recife: A sede do Maracatu Nação Estrela Brilhante do Recife é de propriedade de Jair Bernardino dos Santos, esposo da Rainha Marivalda Maria dos Santos. Localizada na Rua Tuína, nº 15, Mangabeira, Recife/PE. Trata-se de uma edificação íntegra de categoria civil, construída em meados da década de 1970. A edificação, além de sede, é residência do casal e de seus familiares. Na sede da nação são feitas reuniões administrativas, desenhos dos figurinos, confecção de figurinos e adereços. Os ensaios do maracatu são realizados no recuo coberto da edificação.

Sede do Maracatu Nação Gato Preto: A sede do Maracatu Nação Gato Preto é de propriedade de Walter Martins de Almeida, primo de Amaro da Silva Vila Nova (presidente da agremiação). Localizada na Almir Nara, nº 27, Alto dos Coqueiros, Recife/PE. Trata-se de uma edificação íntegra de categoria civil, construída em meados da década de 1980. Ninguém reside na edificação, ela é apenas a sede do grupo. A sede do maracatu é local não só para guardar fantasias, adereços e instrumentos como também para a confeccioná-los. Lá também ocorrem as reuniões

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE				PE	01	01	12	F11	01
------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

administrativas do maracatu e eventos de socialização, estes sem datas fixas para ocorrer.

Sede do Maracatu Nação Leão da Campina: A sede do Maracatu Nação Leão da Campina é de propriedade de João Alexandre de Sales Filho. Localizada na Rua Mário Gil Rodrigues, nº 26, Lagoa Encantada, Ibura, Recife/PE. Trata-se de uma edificação íntegra de categoria civil, construída em meados da década de 1980. A edificação é uma residência alugada pela presidente e babalorixá do Maracatu Nação Leão da Campina Nadja Cristina de Castro para funcionar como moradia da mesma e como sede do Maracatu Leão da Campina.

Sede do Maracatu Nação Oxum Mirim: A sede do Maracatu Nação Oxum Mirim é de propriedade de Mauricéia Ignácio da Paixão e Melo, presidente da agremiação. Localizada na Rua Fazenda Nova, nº 86, Afogados, Recife/PE. Trata-se de uma edificação íntegra de categoria civil, construída em 1975. A edificação funciona como sede e residência de Dona Mauricéia que a divide com familiares. Na sede da nação são realizadas reuniões administrativas, confecção de figurinos, e os ensaios são realizados em um pátio (largo) que se forma na rua transversal à da sede.

Sede do Maracatu Nação Porto Rico: A sede do Maracatu Nação Porto Rico é de propriedade de D. Elda Viana, rainha do Maracatu Nação Porto Rico. Localizada na Rua Eurico Vitrúvio, nº 483, Pina, Recife/PE. Trata-se de uma edificação íntegra de categoria civil, construída na década de 1980. A edificação funciona como sede, terreiro e residência dos familiares de Dona Elda Viana. No seu entorno, existem outras edificações de características arquitetônicas semelhantes. A sede possui fácil visualização, na posição que ocupa na rua, e em sua fachada consta uma identificação de que naquele espaço funciona a sede de uma agremiação. Na sede do maracatu ocorrem ensaios do batuque, oficinas de dança, percussão e informática, além de reuniões da diretoria do maracatu e celebrações religiosas. Os ensaios que aglomeram grande quantidade de batuqueiros ocorrem na rua em frente à sede. Por se tratar de uma agremiação antiga e muito ativa na comunidade, a sede do Maracatu Porto rico é ponto de encontro e espaço de socialização da comunidade.

Sede do Maracatu Nação Raízes de Pai Adão: A sede do Maracatu Nação Raízes de Pai Adão constitui um caso à parte. Por meio do trabalho de campo realizado para este inventário, ficou claro que são poucos os maracatus que possuem edificações onde funciona exclusivamente a sede da agremiação; na maioria dos casos, os maracatus nação possuem como sede a residência de suas lideranças. O caso do Raízes de Pai Adão é próximo a isso, porém com algumas particularidades; por falta de um espaço exclusivo para a sede, as atividades e artefatos do maracatu se dividem em mais de um espaço.

Sede do Maracatu Nação Rosa Vermelha: A sede do Maracatu Nação Rosa Vermelha é de propriedade de D. Rosa Maria Ferreira de Souza, presidente da agremiação. Localizada na Rua Beira Rio, nº 35, Coelhos, Recife/PE. Trata-se de uma edificação íntegra de categoria civil, construída em 2001. A edificação é um galpão e em seu entorno existem outras edificações com características arquitetônicas diversas, algumas de taipa outras de madeira. A sede possui uma fácil visibilidade na posição que ocupa na rua e uma pequena identificação na sua fachada de que nela funciona uma sede de agremiação. Na casa, além de se guardarem os figurinos, ocorrem também reuniões administrativas do grupo, além dos oferecimentos aos santos, entidades e calungas, antes do período carnavalesco.

Sede do Maracatu Nação Tupinambá: A sede do Maracatu Nação Tupinambá é de propriedade de Luis Silva de Melo, presidente da agremiação. Localizada na Rua Araripe Júnior, Córrego do Jenipapo, Recife/PE. Trata-se de uma edificação íntegra de categoria civil, construída em meados da década de 1980. A residência fica localizada no lado direito de um terreno, onde existem outras três edificações de familiares de Luís. Na sede do maracatu são realizadas reuniões administrativas, desenhos dos figurinos, confecção de figurinos e adereços. Os ensaios do maracatu são realizados na laje aberta da edificação.

(Formas de Expressão)

Baiana de cordão ou chitão, ou catirina: Além das baianas ricas, um cortejo de maracatu nação também é composto de uma ala de catirinas, conhecidas também como baiana de cordão ou ainda de chitão, sendo esta última denominação uma alusão ao tipo de vestimenta com a qual se apresentam. Posicionadas próximo à ala das baianas ricas, as catirinas são personagens que também não desfilam em pares. Suas vestimentas, confeccionadas em chitão, mostram-se mais simples na sua feitura, por não possuírem bordados, brilhos ou armações nas suas saias. Isto porque elas representam as roupas das mulheres escravas segundo as percepções atuais.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE				PE	01	01	12	F11	01
------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

Baiana Rica: As baianas ricas figuram no cortejo sem um par masculino. Podem se apresentar vestidas de branco, com grandes turbantes na cabeça, representando as mães de santo dos terreiros. Há ainda o costume de se apresentarem com vestes de cores diversas, ricamente bordadas e montadas em forma de babados sobre armações de fios de metal flexível para dar volume ao figurino.

Baque: Baque, no contexto dos Maracatus Nação, significa a "batida" de cada grupo, ou seja, a sonoridade resultante do conjunto percussivo (bataque), responsável por conferir identidade musical às nações. Todas elas possuem baques distintos, ainda que alguns se assemelhem mais do que outros.

Bataque: O bataque é nome pelo qual os maracatuzeiros denominam o corpo orquestral, ou conjunto percussivo. Nesse sentido, bataque é a reunião dos bataqueiros, que fazem e executam os baques do maracatu. O bataque do maracatu reúne os seguintes instrumentos musicais: bombo/alfaia ou tambor, gonguê, mineiro, caixa/tarol e apito. Alguns baques dos maracatus contemporâneos possuem outros instrumentos musicais, que foram introduzidos no final dos anos 1990 e ao longo dos anos 2000. Trata-se dos abês e dos atabaques.

Calunga: Boneca confeccionada de madeira negra ou pano, ricamente ataviada, conduzida pela dama do paço, e que abre, juntamente com o estandarte, o cortejo do maracatu. Diz-se, na maioria dos casos, representar os antepassados, ou os eguns (mortos). É circundada de mistérios e elementos mágico-religiosos. Cada maracatu pode ter várias calungas, mas é mais comum desfilarem no carnaval apenas duas.

Cortejo: Definimos como cortejo o conjunto das "figuras" e/ou "personagens" que constituem o séquito de rei e rainha de um maracatu nação, no qual está inserida a corte propriamente dita. Sua estrutura é basicamente formada por alas, figuras e alegorias que se harmonizam e evoluem ao longo de toda a apresentação. O cortejo reúne um grande número de pessoas (homens, mulheres e crianças) que desfilam em pares ou sozinhas de acordo com os seus respectivos personagens.

Dança: Os maracatus possuem uma dança uniforme, mas sem referências definidas, ou seja, não há passos uniformes, tampouco estilos homogêneos. A grande maioria dos estudiosos de maracatu apontam semelhanças entre o modo de dançar nos maracatus nação e nos terreiros, havendo semelhança nos movimentos com as danças dos orixás, mais precisamente na dança dos orixás femininos. Os movimentos são leves, mas bem expressivos nos braços, o movimento dos pés é mais contido com a sola inteira no chão, ou seja, não fazem ponta e ao longo do percurso podem ocorrer giros, o que fica muito bonito por conta das saias rodadas que as maracatuzeiras utilizam. Há grupos que possuem figurantes com danças coreografadas, realizando passos semelhantes aos afoxés, bem como dos bailados e movimentos realizados nos terreiros de candomblés, mais precisamente na dança dos orixás ou ala de escravos. Pode-se afirmar que muitos dos maracatus trazem consigo dançarinos de grupos de dança populares, e estes possuem preferência maior pelas alas dos orixás, escravos e lanceiros. Para alguns este quadro contribui para uma maior aceleração nas mudanças que vêm sendo feitas no interior dos maracatus, modificando grande parte das tradições existentes na dança, vestuário, forma de cantar, etc. Estas novidades são resultado da acirrada disputa que envolve o concurso carnavalesco, uma vez que as nações procuram apresentar um melhor desempenho com o intuito de ganhar o prêmio.

Dama do Paço: Dama que porta a boneca, ou calunga do maracatu, constando nos primeiros registros sobre os maracatus nação. Cada grupo de maracatu possui uma ou mais mulheres na função de dama do paço. Entre os grupos, é unânime o argumento de que as calungas comportam os fundamentos espirituais que protegem o grupo. Uma vez incumbidas de conduzir a calunga, a relação com este objeto está expressa desde a semelhança nas indumentárias das damas e das calungas, até o rigor da dimensão sagrada que envolve esta relação. Por se tratar de um personagem significado pela religião, para ser dama do paço exige-se que a mulher cumpra com algumas obrigações religiosas ou interdições comportamentais para conduzir a calunga durante os desfiles no carnaval.

Figurinos e fantasias: No maracatu, as roupas são de variadas cores, feitas de veludo, cetim ou brocado, ricamente trabalhadas com bastante babados, bordados e brilhos para valorizar as peças e os detalhes de cada modelo. É fato que o figurino dos homens e das mulheres da corte é inspirado nas vestimentas das cortes europeias do século XVIII. Já o bataque parece mais exprimir um tipo de africanidade, pelos motivos das estampas e customizações das peças.

Lanceiro: Os lanceiros são personagens que compõem a guarda real, circulando em volta do cortejo como um todo ao

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE				PE	01	01	12	F11	01
------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

longo do desfile. Esta ala normalmente é formada por homens mais jovens, os quais se apresentam portando uma lança. Suas vestes, por vezes, feita de pele de animal, lembram os antigos guerreiros tribais.

Pagens: Personagens que constituem a corte propriamente dita, juntamente com rei e rainha. Conduzem o pódio, os leques, lampiões e seguram as capas do casal real. São também chamados de escravos.

Porta-estandarte: O porta-estandarte, homem no geral, é a figura que porta o estandarte, símbolo da nação. No início de qualquer apresentação do maracatu, o porta-estandarte posiciona-se na frente do cortejo, podendo ser acompanhado por uma alegoria (esculturas de símbolos divinos ou naturais), que representa o grupo, transportada sobre um estrado com rodinhas. Sua função é anunciar, por meio de um grande estandarte, de qual nação se trata, pois os estandartes devem ter inscritos o nome da agremiação e sua data de fundação.

Porta Pódio: Personagem encarregado de segurar o pódio e mantê-lo sobre o casal real. O pódio deve ficar rodando ou se movendo ao ritmo do maracatu.

Rei e Rainha: O rei e a rainha de uma nação de maracatu são os personagens centrais na composição hierárquica do cortejo. Eles formam a estrutura da corte, representando a realeza do maracatu. Normalmente apresentam-se portando as insígnias do poder real, como a coroa, espada e o cetro. O casal real aparece protegido por um pódio e ladeado por soldados romanos e pajens que conduzem os abanos e as capas da vestimenta real.

Grupos Percussivos: Série de grupos que executam a linguagem percussiva do maracatu nação e, muitas vezes, também sua dança, encenando inclusive cortes reais. Alguns desses grupos acrescentam outros ritmos populares à batida do maracatu, como ciranda, coco, afoxé e samba reggae; outros realizam o batuque do maracatu, mas sem possuir um corpo de dança; outros possuem corpo de dança, mas não encenam a corte. Em suma, a diversidade de formato desses grupos é muito grande. Alguns desses grupos se definem como maracatus nação, outros como maracatus parafoclóricos e, por fim, há os que se denominam grupos percussivos ou ainda batucadas.

Maracatu Nação Almirante do Forte: O Maracatu Nação Almirante do Forte foi fundado em 07/09/1931 e está localizado na comunidade de Bongi, Recife. A Nação Almirante do Forte é composta principalmente pelas pessoas da própria comunidade, familiares do senhor Antonio José da Silva, conhecido como Sr. Teté; por pessoas de comunidades arredores; e também por pessoas de classe média que resolveram colaborar com o maracatu.

Maracatu Nação Cambinda Africano: O Maracatu Cambinda Africano foi fundado na segunda metade do século XX por Natércio Carneiro dos Santos, pai do atual presidente e mestre, Arlindo Carneiro dos Santos. Inicialmente chamado de Cambinda Africana, representava uma reunião de batuqueiros de maracatus que desfilavam pelas ruas travestidos de mulher, com o intuito de, simplesmente, se divertirem, aproveitando a oportunidade para pedir dinheiro, com objetivo de angariar fundos para realizar uma festa regrada a bebidas e comidas.

Maracatu Nação Cambinda Estrela: Fundado em 1935, no Alto Santa Izabel, Casa Amarela, Recife, por migrantes oriundos da zona da mata norte pernambucana, o Maracatu Cambinda Estrela era um maracatu de baque solto, com forte presença no carnaval da comunidade de Casa Amarela. Dirigido pelo senhor Tercílio, com a colaboração de sua esposa, D. Inês, o grupo se manteve como um maracatu de baque solto até a década de 1960. Em 1994, um grupo de residentes em Chão de Estrelas e Campina do Barreto, juntamente com alguns estudantes universitários, resolveram recriar este grupo, e, desde 1995, é conduzido, no batuque, pelo mestre Ivaldo Marciano de França Lima. Conhecido como um maracatu de “festa e luta”, o Cambinda Estrela destaca-se por sua combatividade política, presente em palavras de ordem, letras das toadas compostas por Mestre Ivaldo e outros componentes do grupo, que aludem à questão racial, combatem as desigualdades sociais e raciais que atingem a grande maioria do grupo.

Maracatu Nação Centro Grande Leão Coroado: O Maracatu Nação Centro Grande Leão Coroado localiza-se numa comunidade de periferia, de onde vem a maioria de seus membros. Sua sede situa-se na Rua Evangélico Pastor Benobi Carvalho de Souza, 187, no bairro da Bomba do Hemetério, Zona Norte do Recife. O grupo reivindica a data de fundação do antigo Centro Grande Leão Coroado, que era articulado pelo renomado Mestre Luiz de França, ou seja, 08/12/1863. Atualmente os principais articuladores do maracatu são Regina Célia da Silva, conhecida como Mana, filha adotiva de Luiz de França, presidente da agremiação; seu filho Carlos Adriano Ferreira de Lima, conhecido como Adriano, vice-presidente; além de José Claudiano Ferreira de Lima, conhecido como Reizinho, mestre do batuque e

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE				PE	01	01	12	F11	01
------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

filho de Mana também.

Maracatu Nação Elefante (memória): Segundo a tradição oral, o Maracatu Elefante foi fundado em 1805. Este maracatu, que no último ano não desfilou nem saiu às ruas, possui uma longa história, que sintetiza em si mesma a história dos maracatus nação de Pernambuco. No início do século XX, encontram-se nos jornais notícias deste maracatu desfilando pelas ruas do Recife durante o período carnavalesco. Seu dirigente era João Vitorino, casado com Maria Júlia do Nascimento, mais conhecida como D. Santa. João Vitorino morre na década de 1920 e dona Santa assume a direção do maracatu. Nos anos 1940, com o final do Estado Novo e o reconhecimento de que o maracatu era um elemento importantíssimo do “folclore” pernambucano, Dona Santa ganha gradativamente notoriedade, vindo a ser fotografada por Lula Cardoso Aires e Pierre Verger, ganhou reportagem em revistas semanais, a exemplo da Cruzeiro. Seu Maracatu Elefante torna-se exemplo de cultura popular pernambucana, tradição dos antigos escravos.

Maracatu Nação Encanto da Alegria: O Encanto da Alegria é uma das nações que foram fundadas no final do século XX, mais precisamente em 10/12/1998. É um maracatu recente e de grande porte em se tratando de maracatus nação na atualidade. Este grupo é presença marcante no período carnavalesco, desfila no grupo especial do concurso das agremiações carnavalescas, bem como em diversas outras celebrações, além de fazer apresentações culturais realizadas ao longo do ano. O maracatu conta ainda com uma grande quantidade de batuqueiros e desfilantes, contendo pessoas da comunidade e também muitas pessoas de outras comunidades. A faixa etária dos batuqueiros é diversificada, contendo adolescentes, jovens e pessoas de meia idade. As cores do Encanto da Alegria são vermelha e branca, e seu orixá protetor é Iansã. Vale salientar que, até pouco tempo, uma característica marcante do grupo era o fato de ele ter feições de um maracatu nação antigo, não só pelo estilo de seu baque, mas também por juntar em seu batuque antigos maracatuzeiros da Nação Elefante de D. Madalena e Leão Coroado de Luis de França.

Maracatu Nação Encanto do Dendê: O Maracatu Nação Encanto do Dendê foi fundado em 16/09/1998, pelo atual mestre e presidente, Edmilson Lima do Nascimento, também conhecido como Nissinho, no bairro da Nova Descoberta, região norte do Recife. A sede deste grupo está localizada na própria residência de Edmilson. O grupo é formado basicamente por pessoas da própria comunidade na qual ele se insere, as quais estão vinculadas à nação como uma forma de pertencimento a um grupo social específico.

Maracatu Nação Encanto do Pina: A Nação do Maracatu Encanto do Pina, com fundação em 03/03/1980, possui sede na Rua Osvaldo Machado, 320, na comunidade popularmente conhecida como Bode, situada no bairro do Pina, Zona Sul do Recife. As pessoas que compõem o maracatu são provenientes do Bode e de outras comunidades do Recife como Brasília Teimosa, Ilha de Deus e Ibura, além de possuir pessoas de classe média vindas de diferentes bairros do Recife. O Maracatu Encanto Do Pina está nas mãos da família de Joana desde 2001. Antes disso, ele pertencia à ialorixá Maria de Sônia, mãe de santo da atual ialorixá que cuida das obrigações do maracatu, Maria da Quixaba e filha de santo do falecido rei Eudes Chagas, principal articulador do Maracatu Porto Rico do Oriente. A fundação do Encanto do Pina está relacionada ao maracatu Porto Rico de Eudes.

Maracatu Nação Estrela Dalva: O Maracatu Nação Estrela Dalva foi fundado em 18/01/1990 e está localizado na Rua Pinheiro, nº 02, bairro de Joana Bezerra, Recife. Embora Maciel Agripino dos Santos tenha fundado o grupo em 1990, somente em 1993 é que o maracatu saiu às ruas pela primeira vez. Paralelamente às atividades do Estrela Dalva, Maciel também desfilava nas nações Encanto do Pina (desde fins da década de 80 até o falecimento da rainha Maria de Sônia) e Porto Rico (por cerca de dois anos), trazendo pessoas de sua comunidade para compor a corte desses maracatus. O Maracatu Estrela Dalva possui em seu repertório loas de domínio público, ou seja, também executadas por outras nações, apresentando apenas pequenas variações, além de loas de autoria dos próprios maracatuzeiros da nação, muitas delas fazendo referência ao próprio maracatu, sua corte real, símbolos e lugares e outras tantas relacionadas a elementos do xangô (religião dos orixás).

Maracatu Nação Estrela Brilhante: O Maracatu Estrela Brilhante, fundado de acordo com seus líderes, em 1910, inscreve-se como um maracatu nação composto por um cortejo, que se apresenta sempre ricamente trajado, e batuque que possui forte identidade musical, reconhecida nacional e internacionalmente. A nação traz como símbolo estampado no estandarte e nas camisetas uma estrela; o azul e o branco são as cores distintivas da agremiação. As principais lideranças do grupo são Marivalda Maria dos Santos (Rainha e Presidente) e Walter Ferreira de França (Mestre do batuque). O grupo possui duas damas do paço, Ana Paula que segura a calunga Dona Joventina e Fernanda que carrega Dona Erundina. Neste maracatu as calungas representam eguns.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE		PE	01	01	12	F11	01
------------------------------------	--	----	----	----	----	-----	----

Maracatu Nação Gato Preto: A Nação Gato Preto localiza-se em uma comunidade de periferia, de onde vem a maioria de seus membros. Sua sede situa-se em um beco que desemboca na Rua Laje Grande, no Alto Santa Terezinha, Zona Norte do Recife. O Maracatu Nação Gato Preto foi fundado em 1989 e é composta principalmente pelas pessoas da própria comunidade; algumas são também de comunidades arredores. A faixa etária do grupo é bem heterogênea, possuindo desde crianças, até jovens, pessoas de meia idade, a maioria é família de Amaro Vila Nova, conhecido como Chocho, atual presidente do grupo.

Maracatu Nação Leão da Campina: O Maracatu Nação Leão da Campina foi fundado em 26 de Julho de 1997 na comunidade dos Coelho, pelos integrantes do Centro Leão do Norte de Cultura Popular da cidade de Recife, tem como representante o bailarino pernambucano Aélson da Hora. O grupo surge com uma proposta de se apresentar em palcos tocando o ritmo do maracatu, se intitulando assim como grupo de palco “Leão do Norte”, como era chamada a companhia de dança do bailarino. Depois foi havendo uma mescla de pessoas oriundas dos Coelho com pessoas residentes do Ibura. Em 1998, mãe Nadja assume religiosamente o maracatu, assumindo o cargo de vice-presidente, e Aélson como presidente. Em 2004 Aelson se retira do grupo e Mãe Nadja e assume a presidência do grupo até hoje.

Maracatu Nação Linda Flor: O Maracatu Nação Linda Flor foi fundado em 1984 e está localizado na comunidade do Buriti, Zona Norte da cidade do Recife. Como a maioria dos grupos menores, a Nação Linda Flor é composta principalmente por pessoas da própria comunidade. A faixa etária do grupo é formada por crianças, adolescentes e alguns jovens. Este grupo iniciou suas atividades em Dois Unidos, sob a liderança de Gago e Dona Severina Ursulina da Silva, conhecida por Dona Ina.

Maracatu Nação Lira do Morro da Conceição: O Maracatu Nação Lira do Morro da Conceição tem sede situada na Rua da Conceição, 139, no Morro da Conceição, Zona Norte do Recife. A referida agremiação foi fundada em 17/03/1986 e é composta principalmente pelas pessoas da própria comunidade, sendo algumas também de comunidades arredores como o Alto Zé do Pinho. A faixa etária do cortejo do grupo é bem heterogênea, possuindo crianças, jovens e pessoas de meia idade. O batuque é composto principalmente por adolescentes, a maioria do sexo masculino.

Maracatu Nação Oxum Mirim: O Maracatu Nação Oxum Mirim, com fundação em 02/04/2002, tem sede localizada na Rua Teófilo Towrtz, quase na esquina com a Rua Santa Edwiges, no bairro popular de Afogados, Zona Oeste do Recife. O grupo é composto, não só por pessoas da própria comunidade e arredores como Bongí e Prado, além de pessoas de comunidades mais distantes como Ibura e Cajueiro Seco, essa em Jaboatão dos Guararapes. O batuque é composto por crianças, adolescentes e jovens, a maioria é do sexo masculino e a corte é composta por pessoas de faixa etária heterogênea, sendo a quantidade de homens e mulheres equivalente. O nome Oxum Mirim foi escolhido por ser uma homenagem à Oxum de Dona Mauricéia, que é Oxum menina, criança. O referido maracatu possui vínculos somente com o xangô, tendo como entidades protetoras Oxum e Xangô, por isso, suas cores são o amarelo e o vermelho. As calungas da nação, Dona Bárbara e Dona Carmelita, representam os orixás Iansã e Oxum, são seguradas pelas damas do paço Lucicleide e Márcia respectivamente.

Maracatu Nação Porto Rico: A Nação do Maracatu Porto Rico, com fundação, de acordo com suas lideranças, em 07/09/1916, é um maracatu nação muito conhecido no Recife e arredores, possuindo sede na Rua Eurico Vitrúvio, nº483. A comunidade na qual o maracatu se encontra é conhecida popularmente como Bode e se situa no bairro do Pina, Zona Sul do Recife. As pessoas que compõe o maracatu são provenientes, não só do Bode, como também de outras comunidades do Recife como Brasília Teimosa, Ilha de Deus, Ipsep e Ibura, além de possuir pessoas de classe média vindas de diferentes bairros do Recife, Olinda e Jaboatão e finalmente pessoas de classe média de outras cidades do Brasil. Chacon Vianna, filho da Rainha Elda Viana, é mestre do batuque desde o ano 2000. Já D. Elda é rainha desde 1980. O grupo tem por símbolo uma caravela chamada Santa Maria, mesmo símbolo utilizado pelo Maracatu Porto Rico do Oriente de Eudes; outra referência ao maracatu de Eudes é apontada também no orixá patrono da nação, Ogum, que era o orixá do antigo rei. As cores do grupo, verde e vermelho, são as atribuídas ao orixá dentro da tradição nagô. O terreiro que abriga as obrigações do grupo é de tradição jêje com nagô, trabalhando, não só com o xangô (denominação da religião dos orixás em Pernambuco), como também a jurema.

Maracatu Nação Raízes de Pai Adão: O Maracatu Nação Raízes de Pai Adão, foi fundado em 20/01/1998 e pertence aos familiares do renomado Pai Adão, que foi o quarto babalorixá do Terreiro Obá Ogunté, também conhecido como Sítio de Pai Adão. A referida nação possui como componentes do batuque pessoas do próprio bairro de Água Fria como também batuqueiros de comunidades próximas como Alto Santa Terezinha. O Baque do Raízes de Pai Adão conta com aproximadamente 70 batuqueiros, sendo a sua maioria do Alto do Pascoal e Água Fria, liderados por Mestre

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE				PE	01	01	12	F11	01
------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

Leandro, antigo batuqueiro do Leão Coroado, Estrela Brilhante e Indiano. O jovem mestre é parente em terceiro grau da Rainha Madalena e do Mestre Luís de França do maracatu Leão Coroado. O Maracatu Raízes de Pai Adão possui em seu repertório loas de domínio público, ou seja, também executadas por outras nações, apresentando apenas pequenas variações, além de loas de autoria dos próprios maracatuzeiros da nação, muitas delas com temática tradicional (sobre o próprio maracatu, sua corte real, símbolos e lugares) e outras também que fazem referência a elementos do xangô (culto aos orixás) de tradição nagô e à história e à memória do Sítio de Pai Adão.

Maracatu Nação Rosa Vermelha: O Maracatu Nação Rosa Vermelha foi fundado em 05/03/2001, no bairro dos Coelhos, localizado na região central da cidade do Recife. De acordo com os seus dirigentes, Samuel Augusto Bezerra de Melo, Presidente, e sua mãe, Rosa Maria Ferreira de Souza, vice-presidente, o maracatu foi criado em decorrência de ela e de alguns dos seus familiares terem saído do maracatu Elefante, nação em que desfilaram por mais de 10 anos. Dona Rosa como baiana rica e os demais da sua família como batuqueiros. Ao se desligarem do Elefante, após a morte de Rosinete, dona Rosa decidiu fundar o seu próprio maracatu.

Maracatu Nação Sol Nascente: O Maracatu Nação Sol Nascente foi um maracatu atuante na década de 1920, mas não se sabe quando foi fundado. Pouco se sabe sobre a origem deste grupo ou de sua composição social na década de 1930. Apenas se conhece o nome de seu Rei, Eduardo, que gozava de grande prestígio entre os carnavalescos do período, uma vez que é, por várias vezes, mencionado nos jornais. A segunda fase do Maracatu Nação Sol Nascente deve-se à atuação de Ubiracy Barbosa Ferreira, integrante do Balé Primitivo do Recife e fundador do Bacnaré. Decorridos 50 anos, Ubiracy Barbosa Ferreira reativou o maracatu. Sob sua direção, o Maracatu Sol Nascente excursionou na Polónia, Bélgica e Espanha. Atualmente a sede está localizada na Rua Raul Pompéia, 462, no bairro de Água Fria, Recife, Pernambuco, onde a comunidade também mantém relações com outras formas de expressão da tradição cultural popular durante o ano, tais como queima de lapinha, coco, ciranda etc.

Maracatu Nação Tupinambá: O Maracatu Nação Tupinambá, com fundação em 03/03/1998, está localizado na Rua Ararape Junior, 39, na comunidade do Córrego do Jenipapo. A Nação Tupinambá é composta principalmente pelas pessoas da própria comunidade e de algumas comunidades circunvizinhas. A faixa etária do batuque compreende crianças, adolescentes e alguns jovens, a maioria deles homens. A referida nação transita entre o grupo de acesso e 2º grupo. O Maracatu tem ligação com a jurema e com o xangô (religião dos orixás) e é regido por Oxum. As cores da nação são vermelho, amarelo e branco.

Maracatus Mirins: Maracatus Mirins são grupos de maracatu formados por crianças, alguns ligados a ONGs que trabalham com crianças e adolescentes e outros ligados aos maracatus nação considerados tradicionais

Toada/Loa: Toada designa, em sentido restrito, o texto de um cântico. Em sentido amplo, para o que se identifica como 'Toada de Maracatu', o termo Toada designa emicamente o conjunto 'texto e melodia' acompanhado pelo corpo percussivo de tambores-de-corda, que executam toques em função da linha melódica e textual. Em sua estrutura, a Toada de Maracatu é, por vezes, executada pelo diálogo entre solista e coro, ou mesmo entoada inteiramente em uníssono pelo conjunto de passistas. No sentido literário musical, a Loa é tema cantado tanto no contexto religioso como no profano, ambos de caráter coletivo que identificam manifestações públicas de tradição oral. Em seus espaços de ocorrência, a Loa pode ser emicamente associada ao cântico litúrgico presente em religiões de terreiros, ou a estas relacionadas, pela literatura específica ou pelo senso comum.

(Lugares)

Bairro do Recife: O primeiro registro histórico do Bairro do Recife data de 12 de março de 1537, quando o então donatário da Capitania de Pernambuco, Duarte Coelho, recebeu a carta de doação da Coroa Portuguesa: o chamado Foral de Olinda. Na carta, o lugar era narrado como um ancoradouro de navios, onde mais tarde um lugarejo daria origem à futura capital de Pernambuco. O nome do bairro e o nome da cidade referiam-se aos recifes de arenito (formação rochosa marinha presente em toda costa pernambucana). A paisagem do Bairro do Recife passou por transformações significativas ao longo do tempo, em parte decorrente dos aterros realizados ligando as ilhas, formadas no delta, ao continente. No cotidiano, o espaço é visitado por turistas e pessoas que querem descansar e admirar a vista dos prédios antigos do bairro ou do Parque das Esculturas de Francisco Brennand. Não por acaso, o Largo do Marco Zero no Recife foi também o local que passou a abrigar atos públicos e manifestações políticas. Além de ter se tornado, inclusive em decorrência de sua escala, um espaço propício a aglomerações urbanas, o Largo retinha um sentido comum para a Cidade. O local sedia diversos eventos culturais; no local é comumente erguido um palco para

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE				PE	01	01	12	F11	01
------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

grandes shows gratuitos. Foi no Marco Zero que, a partir do ano de 2002, os maracatus nação participaram ativamente da “Abertura do Carnaval Multicultural do Recife”, com o show dirigido pelo percussionista Naná Vasconcelos. O evento configura uma das atrações mais populares do carnaval da cidade, conferindo grande visibilidade aos maracatus nação. A Rua da Moeda fica localizada no Bairro do Recife e possui esse nome devido a uma moradora chamada Maria Rodrigues, que era a viúva de Antônio Saraiva, rico proprietário que possuía quatro sobrados de construção holandesa, localizados nessa rua. A Rua da Moeda por muitos anos era uma parte do bairro que não havia sido reestruturada, até a revitalização do Bairro do Recife em meados da década de 1990, ou seja, por muito tempo possuiu edificações deterioradas, iluminação precária, fachadas sem pinturas novas. Desse modo, até sua revitalização, a rua nada tinha que pudesse lhe configurar um status de lugar, compreendendo lugar como: “uma determinada demarcação física e/ou simbólica no espaço, cujos usos o qualificam e lhe atribuem sentidos diferenciados, orientando ações sociais e sendo por estas delimitado reflexivamente”. A Rua da Moeda, como outras ruas do bairro, limitava-se a ser um estacionamento para os inúmeros veículos que ocupavam a pequena ilha. À revelia do processo de revitalização do bairro, sem ser planejado ou incentivado, com um caráter espontâneo, surge o Polo Moeda que conquistou força e visibilidade que não puderam ser ignoradas e passou a ser um polo de animação alternativo dentro do bairro do Recife Antigo.

Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Recife: A irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos surge na metade do século XVII, em função da reunião de pretos e pretas em devoção a Nossa Senhora do Rosário. A organização do Reinado do Congo relacionava tradições de origem africana e elementos barrocos integrados ao imaginário das vilas coloniais, pois, na cerimônia de posse de coroação de tais reis, ocorriam missa, arrecadação de esmolas e suntuosas procissões acompanhadas de música e batuques africanos. A igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Recife aparece enquanto categoria de lugar para os maracatus, pois representam, a partir das cerimônias de coroação do Rei e da Rainha de Congo, um espaço de ancestralidade para os maracatus no presente.

Mercado de São José: O Mercado de São José, edificado em 1875 na antiga Ribeira do Peixe, é um imponente prédio de ferro (tombado pelo IPHAN) onde está estabelecida uma série de boxes que vendem desde o tradicional artesanato nordestino (estatuária de barro de Caruaru, renda, produtos de couro, redes etc.) a diversos outros produtos como peixe, carnes, queijos e derivados de laticínios etc. Ao redor do Mercado de São José, organizada como uma feira, há barracas que vendem também frutas e legumes em alguns dias da semana. Faz parte do Mercado uma série de boxes instalados na frente e nas laterais onde são vendidas diversas espécies de comidas, castanhas e ervas. Nos meses que antecedem o carnaval, é comum que maracatuzeiros e maracatuzeiras se encontrem casualmente nessas lojas, uma vez que quase todos os grupos fazem suas compras para “por o maracatu na rua” no Bairro de São José. Lá podem ser compradas uma variedade de tecidos como lamês, paetês, brocados, cetim e veludos, usados na confecção de fantasias. Existem lojas especializadas na venda de armarinhos, aviamentos e diversas miudezas, como linhas, zíperes, agulhas, além dos mais sofisticados utilizados para a confecção de adereços e bordados como miçangas, lanteloulas, canutilhos, strass, pérolas, aljofres etc. Nessas lojas também são compradas plumas, penas, boás e outros complementos muito utilizados pelos maracatuzeiros. Trata-se, portanto, de um lugar de referência entre as pessoas que fazem os maracatus nação, principalmente na época de carnaval, lugar onde sempre se encontra alguém conhecido, em que se pode trocar ideias, saber de notícias ou se atualizar com os acontecimentos que afetam o fazer dos maracatuzeiros, tais como pagamentos, agendas de apresentações etc.

Passarela: A passarela é o local onde as agremiações que participam do Concurso de Agremiações Carnavalescas, organizado pela Prefeitura da Cidade do Recife, desfilam em caráter competitivo. O desfile das agremiações ocorria na pracinha do diário de Pernambuco, que recebeu no passado o nome de “quartel general do frevo”.

Pátio de São Pedro: O Pátio de São Pedro dos Clérigos recebeu esse nome devido à Igreja de mesma denominação, que foi erguida no início do século XVII. No início do século XX, o espaço passa a ser valorizado, tornando-se um dos lugares de atração turística, lazer e cultura da cidade do Recife. Atualmente, no pátio, realiza-se a Terça Negra, celebração organizada pelo Movimento Negro Unificado, como apoio da Prefeitura da Cidade do Recife. Toda terça-feira grupos de afoxés, samba-reggae, bem como maracatus se apresentam. Trata-se de um lugar de referência para a cultura negra pernambucana. Vale salientar que, na atualidade, uma série de museus e instituições lá se localizam, dentre as quais o Núcleo de Cultura Afro-Brasileira.

Praça da Independência: Local onde eram realizados os concursos carnavalescos da cidade do Recife, desde meados da década de 1930 até a década de 1970. Popularmente conhecida como Praça do Diário – por possuir em seu entorno o edifício do jornal Diário de Pernambuco – este espaço localiza-se no centro do bairro de Santo Antonio,

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE				PE	01	01	12	F11	01
------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

e, a partir dele, se iniciam e se cruzam avenidas e ruas de grande relevância para a cidade do Recife. A praça funciona como um local de encontro/partida de manifestações, passeatas, procissões, cortejos cívicos, sediando inúmeros acontecimentos, manifestações e/ou reivindicações ocorridos no Estado de Pernambuco, tanto por parte da política, das religiões, quanto dos movimentos populares e da cultura.

Sítio de Pai Adão: O Sítio de Pai Adão, ou Ilê Obá Ogunté (denominação do terreiro em iorubá, pouco conhecida pelas pessoas), é um local de referência para muitos maracatus nação, já que, de acordo com alguns estudos (GUERRA PEIXE, 1955) e relatos de memória de antigos maracatuzeiros, até a década de 1970, muitas agremiações carnavalescas, incluindo os maracatus nação, passavam em frente ao local no período carnavalesco.

(Ofícios e Modos de Fazer)

Abê: Instrumento de percussão da família dos idiofones que, para produzir o som, tem seu corpo vibrado sem a necessidade de tensão. O abê, em particular, tem seu som articulado pelo agito feito com as mãos. Entretanto, a partir da agitação do seu corpo, o abê tem seu som produzido por um atrito das "contas" (ou miçangas) contra o corpo de uma "cabaça", dado que enquadra o abê entre os instrumentos percussivos de fricção.

Alfaia/Bombo: Bombo, zabumba, alfaia, faia ou mesmo tambor de corda. O termo "Alfaia" é comum na península ibérica para designar tambores afinados por cordas, principalmente na região norte. O termo "Faia" teve grande uso êmico na metade do século XX. Membranofone de percussão indireta introduzido nas manifestações musicais profanas e religiosas pelas mãos dos colonizadores, tem a função de reforçar a condução e manutenção da cadência rítmica. Trata-se de um cilindro de madeira, delimitado em suas extremidades por duas membranas.

Arreamar: O caboclo arreamar é uma figura masculina que se veste com um traje que lembra um índio (saia de penas, cocar e adornos nos braços e tornozelos). Na cabeça usa uma espécie de cocar, de formato redondo, ricamente enfeitado com penas diversas, destacando-se as penas de pavão. Nas mãos empunham uma preaca, também usada no caboclinho.

Atabaque (ou Tabaque): É um instrumento musical da família dos membranofones. O nome é de origem árabe: at-tabaq (prato). Constitui-se de um tambor cilíndrico ou ligeiramente cônico, com um dos lados coberto de couro animal, que pode ser de boi ou bode.

Batuqueiro: O músico de maracatu, comumente chamado de batuqueiro, é aquele quem detém a responsabilidade pela execução da música. Cabe aos batuqueiros a execução do repertório apropriado a cada Toada, o que compreende um conjunto de cantigas diferenciadas com toques e ritmos próprios.

Caixa/Tarol: Trata-se de um cilindro de madeira ou metal delimitado em suas extremidades por duas membranas denominadas "pele de batida" e "pele de resposta"; antes as membranas eram exclusivamente de pele animal. Atualmente, foram substituídas por peles sintéticas. Essas membranas, ou peles, hoje, são sustentadas por aros metálicos, e a tensão, responsável por sua afinação, é regulada por meio de parafusos distribuídos regularmente pelo aro, preso ao corpo (fuste). Tem como variante "o tarol", caixa de fabricação artesanal de menor altura e diâmetro, e afinação única para as duas membranas. No maracatu nação, o tarol assumiu a função de cadenciar o andamento, e a caixa de guerra conduzir o baque em auxílio ao gonguê e às alfaias. Atualmente essa prática caiu em desuso, ficando a caixa e o tarol com funções semelhantes entre si no maracatu nação.

Gonguê: Instrumento musical presente no maracatu de baque virado, o gonguê é formado por uma grande campânula achatada, unida a uma base de apoio, forjado em ferro ou cobre de forma inteiriça em duas metades. O gonguê é tângido com uma baqueta de madeira dura. É um instrumento obrigatório no conjunto percussivo dos maracatus nação. Essa obrigatoriedade está diretamente relacionada com o fato de que o gonguê tem como função primeva, no batuque do maracatu, marcar o tempo dos demais instrumentos, fazendo o mesmo que o surdo na bateria da escola de samba. O maracatu nação utiliza um gonguê de uma só campânula. A presença e utilização do gonguê no composto sonoro dos maracatus diferencia essas manifestações culturais de todas as outras existentes em Pernambuco.

Mestre de Batuque: O mestre do batuque é o responsável pela condução do batuque e pelo andamento acelerado ou mais lento do baque, pelas composições e/ou adaptações de toadas, pela execução do repertório que será

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE				PE	01	01	12	F11	01
------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

apresentado, pela organização de ensaios, pela elaboração de frases e pela idealização da performance do batuque. Além disso, grande parte dos mestres dos maracatus nação também são os responsáveis pela confecção e reparo de instrumentos, principalmente das alfaias; quando isso ocorre, é comum também que o mestre passe seu conhecimento aos batuqueiros do grupo, para que obtenha também auxílio nessa função. No momento em que rege o batuque, o mestre pode também, planejadamente ou não, formar contramestres. Nesse caso, o batuqueiro a quem tal responsabilidade é atribuída não recebe aulas de como ser mestre; ele simplesmente aprende pela vivência, do mesmo modo que outros mestres de maracatu nação aprenderam seu ofício.

Mineiro/Ganzá: Trata-se de um cilindro de madeira ou metal delimitado em suas extremidades por duas membranas denominadas "pele de batida" e "pele de resposta". Antes era feito somente com peles de animal, mas atualmente foram substituídas por peles sintéticas. Essas membranas, ou peles, hoje, são sustentadas por aros metálicos, e a tensão, responsável por sua afinação, é regulada por meio de parafusos distribuídos regularmente pelo aro, preso ao corpo (fuste). Tem como variante "o tarol", caixa de fabricação artesanal de menor altura e diâmetro, e afinação única para as duas membranas. No maracatu nação, o tarol assumiu a função de cadenciar o andamento, e a caixa de guerra de conduzir o baque em auxílio ao gonguê e às alfaias. Atualmente, esta prática caiu em desuso, ficando a caixa com funções semelhantes entre si no maracatu nação.

(Fonte: Anexo 3)

4. DESCRIÇÃO

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS DOCUMENTOS ESCRITOS INVENTARIADOS, CONSULTAR O ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA.

4.1. POPULAÇÃO E LOCALIZAÇÃO

O Recife ocupa posição central no litoral do nordeste do Brasil, situando-se na área central da Região Metropolitana do Recife a 800 km das metrópoles regionais de Salvador e Fortaleza. Limita-se ao norte com os municípios de Olinda e Paulista; ao sul, Jaboatão dos Guararapes; a leste com o oceano Atlântico e a oeste com São Lourenço da Mata e Camaragibe. Divide-se territorialmente em: 6 Regiões Político-Administrativas (RPAs), 18 Microrregiões Político-Administrativas, 94 bairros e 66 Zonas Especiais de Interesse Social (ZEIS). População: 1.536.934 hab (Censo IBGE 2010), taxa médio geométrica de crescimento da população: 0,78 % a.a. (Censo IBGE 2000/2010), Área: 218,50 Km², Densidade Demográfica: 7.037,61. Concentra 41,67 % da população da Região Metropolitana do Recife (Censo IBGE 2010) A cidade é classificada como metrópole pelo seu porte populacional. Convive com realidades bem antagônicas, resultado histórico do processo de urbanização e do modelo de desenvolvimento econômico, concentrador de renda e de desigualdades sociais, a cidade exibe a convivência de seus habitantes próximos territorialmente, mas, separados pelas enormes diferenças sociais.

22% da população são constituídos por crianças de 0 a 12 anos;

14% são constituídos por adolescentes com 12 a 18 anos;

16,9% da população convivem com algum tipo de deficiência;

9% são constituídos de pessoas com mais de 60 anos, sendo 37% homens, e 63% mulheres.

O percentual de analfabetos no Recife com 15 anos ou mais é de 11%;

O maior índice de analfabetismo na faixa etária de 15 anos ou mais encontra-se em domicílio com rendimento de até 1 salário mínimo, ou seja, corresponde a 23,4% de analfabetos.

(Fonte: <http://www2.recife.pe.gov.br/a-cidade/aspectos-gerais/>

http://www.recife.pe.gov.br/pr/seccsocial/conselhomunicipal/conferencia_relatorio2.php)

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	PE	01	01	12	F11	01
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

4.2. PAISAGEM NATURAL E MEIO AMBIENTE

Originalmente, a Mata Atlântica compunha abundantemente a paisagem natural desta localidade. Um grave problema histórico transformou drasticamente este quadro: o desmatamento das áreas verdes, que afeta vegetação e fauna correspondentes, fato que ocorre desde o período de ocupação colonial, em benefício do cultivo da cana-de-açúcar, em primeiro plano, e que vem se estendendo por conta de fatores de ordem diversa, como o investimento em loteamentos para áreas de moradia e lazer, extração de madeira, entre outros. A ocupação urbana e o loteamento de terras colaboraram para o extermínio de quase toda a mata, o que fica explícito pelos exíguos remanescentes que cobrem encostas de tabuleiros e morros íngremes, e colinas e modelados na parte mais a leste da área em questão.

Dentre suas características, pode-se dizer que uma das mais visíveis e representativas é o fato de que o Recife é envolto por rios e possui um grande número de ilhas e mangues. Os manguezais aparecem concentrados, principalmente, próximo ao rio Capibaribe e na divisa com a cidade de Olinda. Considerado um dos maiores manguezais urbanos do mundo, o Parque dos Manguezais localiza-se na Zona Sul da cidade, entre os bairros de Boa Viagem, Imbiribeira e Pina e banhado por dois rios: o Pina e o Jordão. Integra este manguezal a Ilha de Deus, a Ilha das Cabras e a Ilha de São Simão. O município situa-se com altitude média de 4 metros em relação ao nível do mar, sendo que algumas áreas encontram-se abaixo deste nível. Do ponto de vista da ocupação humana, o processo de urbanização que ocorreu ao longo da história do Recife desprezou consideravelmente a conformidade e os recursos naturais da região. Como indícios deste investimento em grande arte mal planejado podem ser citados a transformação de ecossistemas como o mangue e matas em aglomerados urbanos, a ocupação das áreas ribeirinhas e das áreas de alto declive e o depósito de lixo e derramamento de esgoto nos rios, a exemplo do Capibaribe. As consequências podem ser facilmente percebidas atualmente: deslizamentos, enchentes e tantos outros problemas que afetam de forma mais acentuada as camadas mais pobres da população. A falta de comprometimento por parte das gestões municipais tem agravado esta situação.

O Capibaribe tem grande importância histórica e social na formação e no desenvolvimento de Pernambuco e da região Nordeste do Brasil, tanto na agricultura, quanto na pecuária. Outro ponto importante é sua ligação com o mar, contribuindo para o grande número de importações e exportações que saem do porto do Recife. Mas apesar da contribuição para o desenvolvimento socioeconômico do estado, hoje o rio encontra-se poluído.

Sobre disponibilidade de matérias-primas para as atividades inventariadas, as mais utilizadas pelos maracatuzeiros são: macaíba, jenipapo e o couro de bode. Tanto a macaíba quanto o jenipapo são espécies protegidas. No entanto, são grandemente utilizadas pelos maracatuzeiros na confecção de instrumentos musicais. A macaíba, cujo tronco é utilizado na confecção dos bojos dos tambores, encontra-se em extinção, assim como o jenipapo que é usado para a confecção de arcos e arquilhas, fundamentais para dar o afinamento ao instrumento (empachamento das peles). Outro material utilizado pelos maracatuzeiros é o couro de bode. Porém, sua aquisição está se tornando difícil, dificultando a confecção dos instrumentos bem como os encarecendo.

(Fonte: http://www.cprh.pe.gov.br/downloads/23_Vegetacao_e_Fauna.pdf

http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=215&Itemid=1)

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE				PE	01	01	12	F11	01
------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

4.3. MARCOS EDIFICADOS

Casa da Cultura: A Casa da Cultura é o grande centro da arte popular de Pernambuco. O prédio funcionava antigamente como um presídio. Hoje, reúne quase 100 lojas de artesanato e comidas típicas. Em seus corredores e no pátio há também apresentações folclóricas, shows e eventos que proporcionam aos visitantes uma visão mais abrangente da cultura pernambucana. Conservando as suas características originais, a Casa da Cultura foi tombada como monumento histórico de Pernambuco, através do Decreto 6.687, de 3 de setembro de 1980.

Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Recife: Na rua larga do Rosário, no bairro de Santo Antônio, encontraremos a igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, que foi edificada em 1630 pela irmandade do Rosário dos Homens Pretos, uma associação que era formada por escravos negros. A construção da igreja pode ser entendida enquanto uma forma de resistência com relação às condições adversas que viviam os escravos negros naquele momento, constituindo-se enquanto um dos poucos espaços onde tais sujeitos poderiam se expressar. Dessa forma, manifestações como a coroação de reis Congo (festa na qual era coroado o rei de congo) possuía um caráter de resistência e de reelaboração simbólica, tal como a formação da Irmandade e a construção da Igreja de Nossa Senhora dos Rosários.

Marco Zero: O Marco Zero é o local em que Recife nasceu e serve como ponto inicial das estradas de Pernambuco e atualmente é um dos pontos turísticos mais visitados de Pernambuco, localizado no Bairro do Recife, também conhecido como Recife Antigo, durante todo o ano a praça é local de eventos culturais e festas organizadas pelo Estado.

Mercado de São José: O Mercado de São José, edificado em 1875 na antiga Ribeira do Peixe, é um imponente prédio de ferro (tombado pelo IPHAN) onde está estabelecida uma série de boxes que vendem desde o tradicional artesanato nordestino (estatuária de barro de Caruaru, renda, produtos de couro, redes etc.) a diversos outros produtos como peixe, carnes, queijos e derivados de laticínios etc. Ao redor do Mercado de São José, organizada como uma feira, há barracas que vendem também frutas e legumes em alguns dias da semana. Faz parte do Mercado uma série de boxes instalados na frente e nas laterais onde são vendidas diversas espécies de comidas, castanhas e ervas. Nos meses que antecedem o carnaval, é comum que maracatuzeiros e maracatuzeiras se encontrem casualmente nessas lojas, uma vez que quase todos os grupos fazem suas compras para “por o maracatu na rua” no Bairro de São José. Lá podem ser compradas uma variedade de tecidos como lamês, paetês, brocados, cetim e veludos, usados na confecção de fantasias. Existem lojas especializadas na venda de armarinhos, aviamentos e diversas miudezas, como linhas, zíperes, agulhas, além dos mais sofisticados utilizados para a confecção de adereços e bordados como miçangas, lanteloulas, canutilhos, strass, pérolas, aljofres etc. Nessas lojas também são compradas plumas, penas, boás e outros complementos muito utilizados pelos maracatuzeiros. Trata-se, portanto, de um lugar de referência entre as pessoas que fazem os maracatus nação, principalmente na época de carnaval, lugar onde sempre se encontra alguém conhecido, em que se pode trocar ideias, saber de notícias ou se atualizar com os acontecimentos que afetam o fazer dos maracatuzeiros, tais como pagamentos, agendas de apresentações etc.

Pátio de São Pedro: O Pátio de São Pedro, tal qual sua configuração urbana atual, surgiu da construção da igreja que lhe deu o nome nas primeiras décadas do século XVIII. Os pátios do Recife nasceram com funções religiosas, porque as cidades coloniais eram organizadas de acordo com princípios religiosos. Eram, então, usados para realização de procissões, missões e outros rituais. O Pátio São Pedro é sempre lembrado pelos maracatuzeiros por ser um local onde ocorrem apresentações culturais e eventos relacionados à cultura negra e também aos maracatus nação. Semanalmente o Pátio São Pedro sedia o evento denominado Terça Negra, onde ocorrem eventos e apresentações culturais relacionados à cultura negra. Aos sábados, domingos e outros dias da semana, também podem ocorrer eventos culturais diversos. No período do carnaval, São João e Natal, o pátio torna-se um dos principais polos de atrações da cidade.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE				PE	01	01	12	F11	01
------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

Pátio do Terço: O Pátio do Terço é um espaço público que circunda a Rua Vidal de Negreiros, localizada no bairro de São José, próximo ao Forte das Cinco Pontas, região central da cidade do Recife. O espaço existe desde o início do século XVIII, período da ocupação holandesa, quando foram construídas várias trincheiras a mando de Maurício de Nassau. Uma dessas trincheiras foi aberta no atual Pátio do Terço - no bairro de São José. Após a expulsão dos flamengos, foi erguido no local um nicho com a imagem de Nossa Senhora do Terço, onde os moradores e visitantes ajoelhavam-se e rezavam. Foi a partir da devoção popular que a Igreja foi construída no início do século XVIII. Alta, com um campanário e apenas uma torre, o templo possui um coruchéu de azulejos, jarros ornamentais, um sino, uma pequena cruz com anjos e um relógio datado de 1726. Atualmente nesse espaço, além do comércio popular estabelecido cotidianamente, ocorrem também eventos festivos ou mesmo religiosos ligados a manifestações da cultura popular. Dentre esses eventos, estão a Noite dos Tambores Silenciosos e o Encontro dos Afoxés, ambos durante o carnaval.

Praça do Arsenal da Marinha: Localizada no bairro do Recife Antigo, próxima à Rua do Bom Jesus, é uma construção de 1870. Também já foi chamada de Praça Voluntários da Pátria. A atual denominação foi uma homenagem ao general Artur Oscar, da Campanha de Canudos.

Praça da Independência: Localizada no bairro de Santo Antônio, é a mais central e mais antiga Praça do Recife, também era conhecida como Praça do Polé, nome dado por conta da instalação de um polé no local, que era um instrumento de tortura usado para castigar os escravos negros. Também ficou conhecida por suas manifestações políticas na cidade, principalmente a partir de 1945 quando da luta pela redemocratização do Brasil. Hoje a praça é popularmente conhecida como praça do diário.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	PE	01	01	12	F11	01
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

FORMAÇÃO HISTÓRICA

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FONTES INVENTARIADAS, CONSULTAR O ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA.

4.4. RESUMO

Sobre o nome “RECIFE” o historiador Antônio Paulo Rezende destaca: “Ensinam os filólogos que a palavra *arrecife* é a forma antiga do vocábulo *recife* e que ambos procedem do árabe, *arraçif*, que significa calçada, caminho pavimentado, linha de escolhos, dique, paredão, muralha, cais, molhe. No antigo castelhano arrecife tinha o sentido de caminho, banco ou baixio mar”. Sobre o início do povoamento a documentação disponível sobre o século XVI destaca a presença de pescadores, marinheiros e mercadores na faixa de terra que seguia o istmo de Olinda. Nos primeiros anos desse povoamento foi construída nessa localidade uma ermida dedicada a São Pedro Gonçalves, chamada de Corpo Santo. As embarcações que se dirigiam a Olinda preferiam se abrigar nos arrecifes e a ilha em frente (Recife) foi gradativamente se povoando. A região que hoje corresponde ao Bairro do Recife estava subordinada a Olinda e as regras de apropriação da terra dependiam da doação donatarial. De acordo com o historiador José Gonsalves de Mello, no início do século XVII, o Recife era um lugar em que os nobres olindenses deviam atravessar pisando em ponta dos pés, pois era um espaço muito alagadiço. A população que habitava essa região recebia de Olinda a água potável e os demais produtos necessários ao povo, todos esses materiais vinham por vias fluviais o que reforçava ainda mais os aspectos mercantis da localidade.

O Recife crescia a partir das suas atividades mercantis, o sucesso do seu porto, que estava ligado a prosperidade da própria capitania, lhe garantia uma ligação com as demais regiões do globo, visto que era porta de saída do açúcar produzido e da entrada de outras mercadorias. No final do século XVI Recife tinha o porto de maior movimento da América Portuguesa. Nos armazéns eram guardadas as caixas de açúcar, preciosa mercadoria ambicionada por piratas que navegavam pelos mares com a ajuda e consentimento das grandes nações. Nesse sentido, foi construído na ilha do Recife um sistema de segurança para se evitar as invasões estrangeiras, e com isso erguido alguns fortes, o primeiro deles foi o Forte da Laje ou Forte do Mar, também conhecido como Forte do Picão; o segundo era o Forte de São Jorge; e o terceiro era o Forte do Bom Jesus.

Com a chegada dos batavos (1630) e o incêndio de Olinda (1631) o Recife torna-se o centro de referência para as manobras comerciais e militares dos holandeses, visto que foi nesse momento que vieram para a futura capital de Pernambuco parcela da população olindense e os órgãos de poder então localizados naquela cidade.

Durante o governo do Conde João Maurício de Nassau (1637-1644) o Recife foi dotado de amplos jardins e palácios, foi promovida a vinda de homens ilustres, como os cientistas Jorge Marcgraf e Willem Piso; os pintores Franz Post e Albert Eckout. A cidade passou por inúmeras reformas para atender o fluxo populacional que aumentava rapidamente com a presença dos holandeses. Com isso, sob a orientação de Nassau, constitui-se uma nova área de ocupação na ilha de Antônio Vaz (hoje bairro de Santo Antônio), chamada de Mauritsstad ou cidade Maurícia. Em 1644 foram erguidas duas grandes pontes, uma ligando o Bairro do Recife à cidade Maurícia, e outra ligando a cidade Maurícia ao continente (hoje bairro da Boa Vista).

Após a Restauração, o Recife conhece período de intenso desenvolvimento, propiciado pelas trocas comerciais através do seu porto, o que provoca rivalidade com alguns moradores de Olinda. Isso não impede que a vila continue a se desenvolver com a instalação de uma Alfândega, a execução de aterros, que agregam novas superfícies úteis às terras alagadas. É perceptível o crescimento do Recife na primeira metade do século XVIII, em 1745 a população local chegava a 25 mil habitantes. O Porto manteve sua importância e o comércio prosperava com o estabelecimento de comerciantes portugueses na localidade que aos poucos iam substituindo os holandeses no financiamento da produção do açúcar e no tráfico de escravos.

A riqueza encaminhava para outras mãos. A prosperidade dos recifenses incomodava os olindenses, no entanto nem todas as querelas circundavam o campo das questões financeiras. Questões político-administrativas também faziam parte do cenário. O Recife estava localizado nos limites territoriais de Olinda e dependia de suas decisões. Assim o cenário para o conflito que entrou para a história como a Guerra dos Mascates estava lançado. O Governo de Portugal em seus atos manifestava apoio ao Recife, o que animava a população a lutar por sua independência de Olinda. Em 1710 com a Carta Régia, assinada por D. João V, o Recife foi elevado à categoria de vila. Esse foi o estopim para a deflagração da Guerra dos Mascates em 1710, conflito marcado pelas disputas de interesses políticos e econômicos entre a nobreza açucareira de Olinda e os novos burgueses que habitavam o Recife. Contudo, o incidente não impediu que o Recife continuasse crescendo.

As primeiras décadas do século XIX o Recife é marcado por revoltas inspiradas no ideário libertário importado da Europa, como disse o poeta Manuel Bandeira “Era o Recife das revoluções libertárias”. O Recife não era mais uma vila, tampouco estava subordinado a Olinda. Tornou-se cidade em 1823 e capital de Pernambuco em 1827. Inquietações constantes marcavam o cenário da cidade naquele momento. Os habitantes do Recife não mais aceitavam com tanta subordinação as ordens que vinham do Rio de Janeiro. É diante desse contexto que são deflagrados uma série de

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE				PE	01	01	12	F11	01
------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

conflitos, tais como: a Revolução de 1817, a Confederação do Equador em 1824 e a Revolução Praieira de 1848. Mesmo diante de alguns movimentos s poucos tocavam na questão da libertação dos escravos. Nesses anos era impossível se caminhar pela cidade e não se deparar com o cenário da escravidão, conforme relato de muitos viajantes, ingleses e franceses, que por aqui passaram.

Em 5 de dezembro de 1823 o Recife foi elevado à categoria de Cidade. Este período é caracterizado pela intensa movimentação político-ideológica que se pode sinalizar na revolução de caráter republicano, que passou à história sob o nome de Confederação do Equador. Em 1827, o Recife passa a ser capital da província. Ainda na primeira metade do século XIX, é fundamental mencionar o governo de Francisco do Rego Barros, posteriormente Conde da Boa Vista, cuja administração foi assinalada por notáveis melhoramentos urbanos. Cais, estradas, pontes, abastecimento de água, uma Repartição de Obras Públicas, foram algumas das tarefas empreendidas por Francisco do Rego Barros. Ainda como acontecimento importante do século XIX, deve-se mencionar a Revolução Praieira, irrompida em 1848 e organizada pelo partido liberal, composto dos "praieiros".

Na segunda metade do século XIX, o Recife entra em um processo de modernização, que transforma os modos de vida da cidade, que se amplia; algumas fábricas são instaladas, as usinas do interior do Estado movimentam a economia. Em 1907, inicia-se a execução do grande e modelar plano de saneamento, concebido pelo higienista Saturnino de Brito, assim como o porto do Recife será modernizado, e o bairro do Recife remodelado.

A história de Recife no século XX acompanha o desenvolvimento e modernização das grandes capitais brasileiras, com um processo crescente de industrialização e crescimento urbano e populacional. A partir de meados dos anos 1960 pode-se afirmar que a cidade começa a se configurar como um polo metropolitano, englobando gradativamente as cidades de Recife, Olinda, Jaboatão dos Guararapes, Paulista, Abreu e Lima e Igarassu

Pensar em uma história cultural da cidade, enfocando principalmente as manifestações da cultura popular e da cultura negra, vale salientar que, já no século XVII, as autoridades se preocupavam com os batuques promovidos pelos escravos. Houve quem quisesse proibi-los, bem como quem achasse que, se fossem apenas danças e músicas para diversão, ou seja, não religiosa, o melhor seria deixar os escravos folgar. Entre uma posição e outra, na primeira metade do século XIX, ocorreram algumas coroações de rei congo, uma delas descrita por Koster na Ilha de Itamaracá. Durante todo esse século, também foram muito comentadas as procissões, principalmente as de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, organizada por irmandade de mesmo nome, e composta por homens e mulheres negras. Na segunda metade do século XIX, é que aparecem nos jornais reclamações de leitores e jornalistas contra as algazaras e balbúrdias que os maracatus faziam na cidade, e se reivindicava sua proibição. Foi nesse contexto que os maracatus começaram a aparecer como agremiações carnavalescas, que encontravam nos dias de Momo espaço público e autorização policial para desfilar pelas ruas da cidade. O século XX é iniciado com poucos grupos de maracatus que participavam do carnaval, talvez não mais do que dez. Pereira da Costa, renomado folclorista, quando descreve o maracatu, já é com um sentimento de que iriam desaparecer, pois se tratavam de manifestações de antigos escravos africanos. Esse tom melancólico percorre contos e crônicas de diversos escritores do período, marcando o maracatu nação como uma manifestação da cultura popular e folclórica fadada ao desaparecimento, melancólico e triste... Essa ideia permanece até a publicação do livro de Katarina Real, *Folclore do Carnaval de Recife*, em que reafirma que os maracatus estavam desaparecendo, pois apenas dois ou três ainda desfilavam pelas ruas da cidade de Recife durante o carnaval. Mas foi a antropóloga norte-americana que marcou que os maracatus já eram referências identitárias na cultura carnavalesca, pois para ela "ser pernambucano é sentir o maracatu."

No entanto, quando se volta para investigar a história dos grupos de maracatus nação (ou baque virado, como era mais comumente referido na época) outras imagens podem ser sobrepostas, imagens de dinamicidade e capacidade dos homens e mulheres que faziam a manifestação de criarem estratégias de inserção cultural numa cidade que foi marcadamente racista (e que não o reconhecia, posto que se vivia sob o paradigma da democracia racial).

As décadas de 1920 e 1930 foram descritas como épocas de intensa perseguição policial, tanto para aqueles que praticavam a religião dos orixás, ou mesmo o catimbó-jurema. Foram os maracatus que, uma vez que tinham licença policial para tocar, puderam acobertar muitas casas de culto que sofriam a perseguição policial. Os maracatus eram, no período, já reconhecidos como uma manifestação autenticamente pernambucana, celebrados por intelectuais que pensavam que se poderia criar um novo gênero de música popular – o maracatu- capaz de competir com os sambas e marchinhas que faziam sucesso recorrentemente nos carnavais.

Foi nesse contexto que, na década de 1940, Dona Santa torna-se conhecida, adentrando a mídia local e nacional, e se torna símbolo de uma cultura negra pernambucana. Fotografada por Lula Cardoso Aires e por Pierre Verger, a rainha do Maracatu Elefante tornou-se conhecida e reconhecida em sua majestade, mas ainda persistia a ideia de que o maracatu iria desaparecer, pois a rainha já com idade avançada, veio a falecer em 1962, e seu maracatu recolhido ao Museu do Homem do Nordeste, prenunciando o fim dos maracatus nação.

Mas a vitalidade da cultura demonstrou que a expectativa dos intelectuais não correspondeu aos desejos dos populares que seguiram a fazer maracatu, apesar de pobres e de desfilar em muitos casos com poucos componentes.

Na década de 1980, e principalmente na primeira metade da década de 1990, uma série de fatores conjugou para que os maracatus se tornassem, na contemporaneidade, uma das manifestações da cultura popular brasileira mais conhecidas no resto do mundo. Pode-se referir, sem ordem de importância ou hierarquia, ao surgimento do Maracatu

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE				PE	01	01	12	F11	01
------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

Nação Pernambuco, que divulgou o maracatu para uma classe média, bem como o levou em shows por todo o Brasil e Europa. Não se pode deixar de mencionar a atuação de militantes negros que, já no início dos anos 1980, se dirigiam aos maracatus para evitar que esta manifestação morresse ou viesse a desaparecer, a exemplo das atuações no Maracatu Leão Coroado. Também foram os anos de intensa atuação de Chico Science e o Nação Zumbi, que divulgaram a batida do maracatu em suas músicas, contribuindo para que a classe média começasse a ver e a ouvir maracatu de baque virado com interesse renovado. Nesses anos, os antigos maracatus que ainda desfilavam começaram a ser vistos com outros olhos, e o interesse renovado em torno da manifestação suscitou a criação de novos grupos e a reativação de outros que tinham deixado de desfilar. Ao se percorrer as trilhas da história do Recife vamos encontrar inúmeros traços que mostram as marcas de uma cultura negra local, cultura negra essa que se fez presente nas artes, nas músicas, nas danças, nos cânticos, na religião da sociedade recifense. Entretanto, toda essa carga cultural foi durante longo tempo perseguida e seus adeptos enfrentaram uma espécie de invisibilidade, contudo, não inviabilizaram que as marcas negras se fizessem presentes no Recife.

4.5. CRONOLOGIA

DATA	EVENTO
1537	Origem do município do Recife, concedido por Duarte Coelho
1630	Holandeses vieram ao Brasil e se firmaram no Recife
1637-1644	Governo do Conde João Mauricio de Nassau
1644	Erguidas duas grandes pontes, uma ligando o Bairro do Recife à Cidade Maurícia, e a outra ligando a Cidade Maurícia ao continente
1654	Holandeses foram expulsos do Recife
1710	Recife foi elevado à categoria de Vila / Guerra dos Mascates
1745	A população do Recife chegava a 25 mil habitantes
Século XIX	Primeiras festividades carnavalescas
1805	Fundação do Maracatu Nação Elefante
1817	Revolução de 1817
1823	Recife foi elevado à categoria de Cidade
1824	Confederação do Equador
1827	Recife tornou-se a Capital de Pernambuco
1848	Revolução Praieira
1910	Fundação do Maracatu Nação Estrela Brilhante
07/09/1916	Fundação do Maracatu Nação Porto Rico
1920	Fundação do Maracatu Nação Sol Nascente
07/09/1931	Fundação do Maracatu Nação Almirante do Forte
1935	Fundação do Maracatu Nação Cambinda Estrela
1935	Primeiro desfile organizado pela Federação Carnavalesca (Concurso das Agremiações)
Metade do século XX	Fundação do Maracatu Nação Cambinda Africano
1962	Primeira Noite dos Tambores Silenciosos
03/03/1980	Fundação do Maracatu Nação Encanto do Pina
1984	Fundação do Maracatu Nação Linda Flor
17/03/1986	Fundação do Maracatu Nação Lira do Morro da Conceição
1989	Fundação do Maracatu Nação Gato Preto

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE		PE	01	01	12	F11	01
------------------------------------	--	----	----	----	----	-----	----

18/01/1990	Fundação do Maracatu Nação Estrela Dalva
29/07/1997	Fundação do Maracatu Nação Leão da Campina
20/01/1998	Fundação do Maracatu Nação Raízes de Pai Adão
03/03/1998	Fundação do Maracatu Nação Tupinambá
16/09/1998	Fundação do Maracatu Nação Encanto do Dendê
10/12/1998	Fundação do Maracatu Nação Encanto da Alegria
2000	Criação do Traga a Vasilha
05/03/2001	Fundação do Maracatu Nação Rosa Vermelha
2001	Criação da Terça Negra
02/04/2002	Fundação do Maracatu Nação Oxum Mirim
2002	Primeira Abertura do Carnaval Multicultural do Recife com Naná Vasconcelos e Maracatus Nação (ocorre todo ano)

5. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS



FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE

PE

01

01

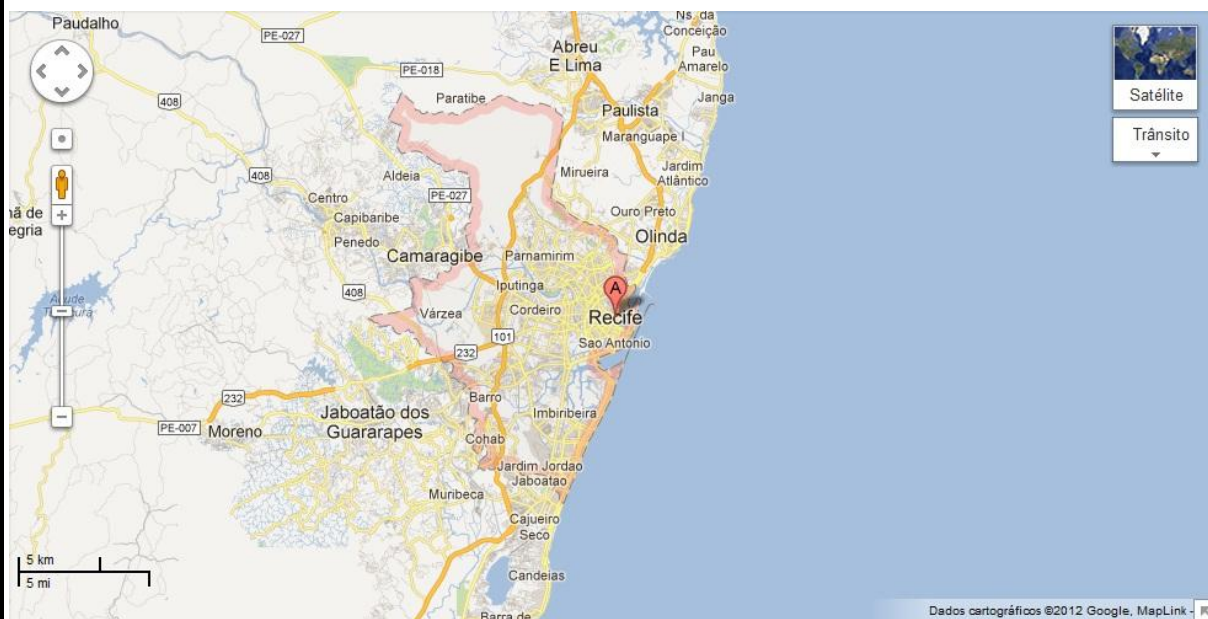
12

F11

01



(Mapa: Bairro de São José)



(Mapa: Recife)

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE

PE

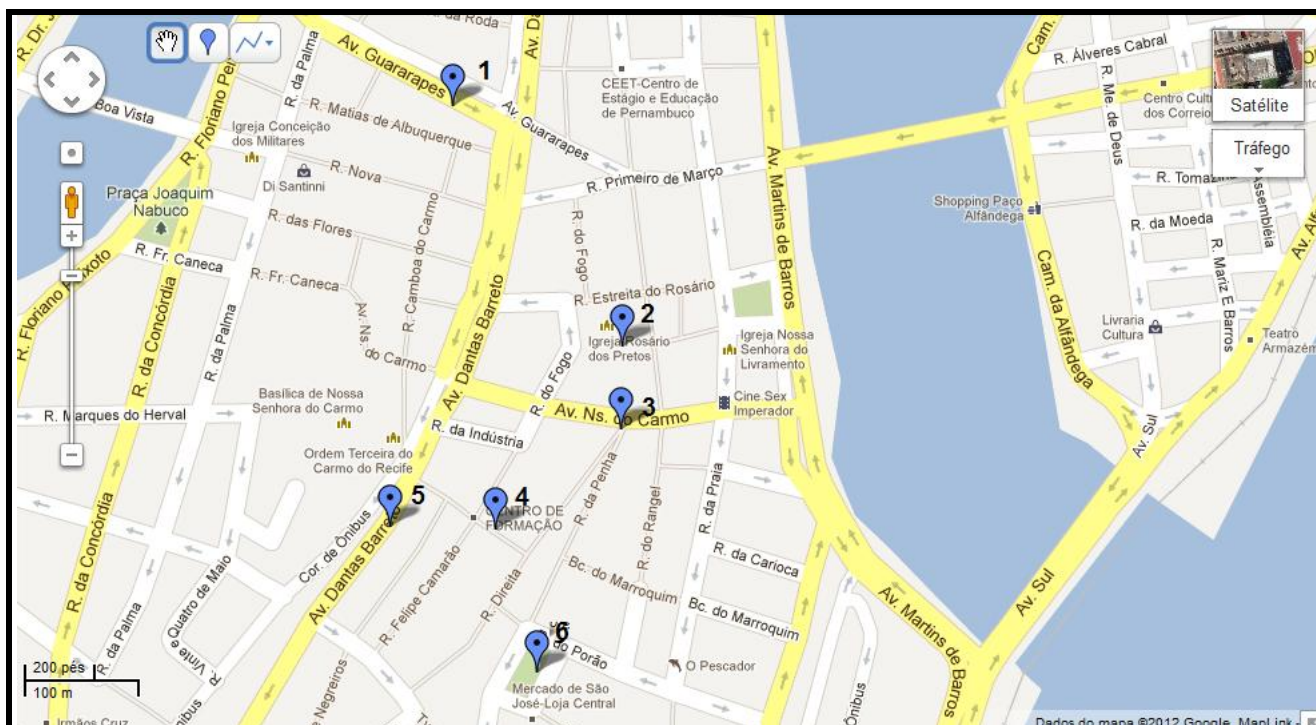
01

01

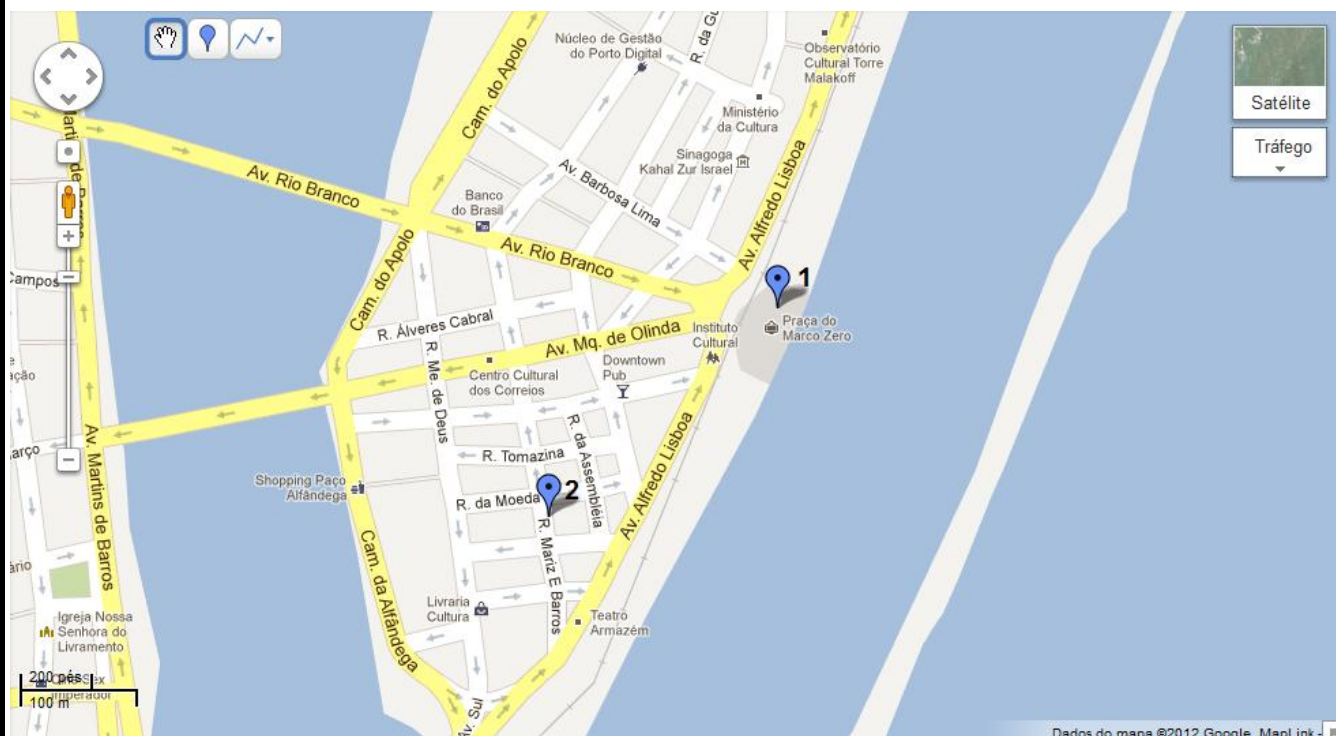
12

F11

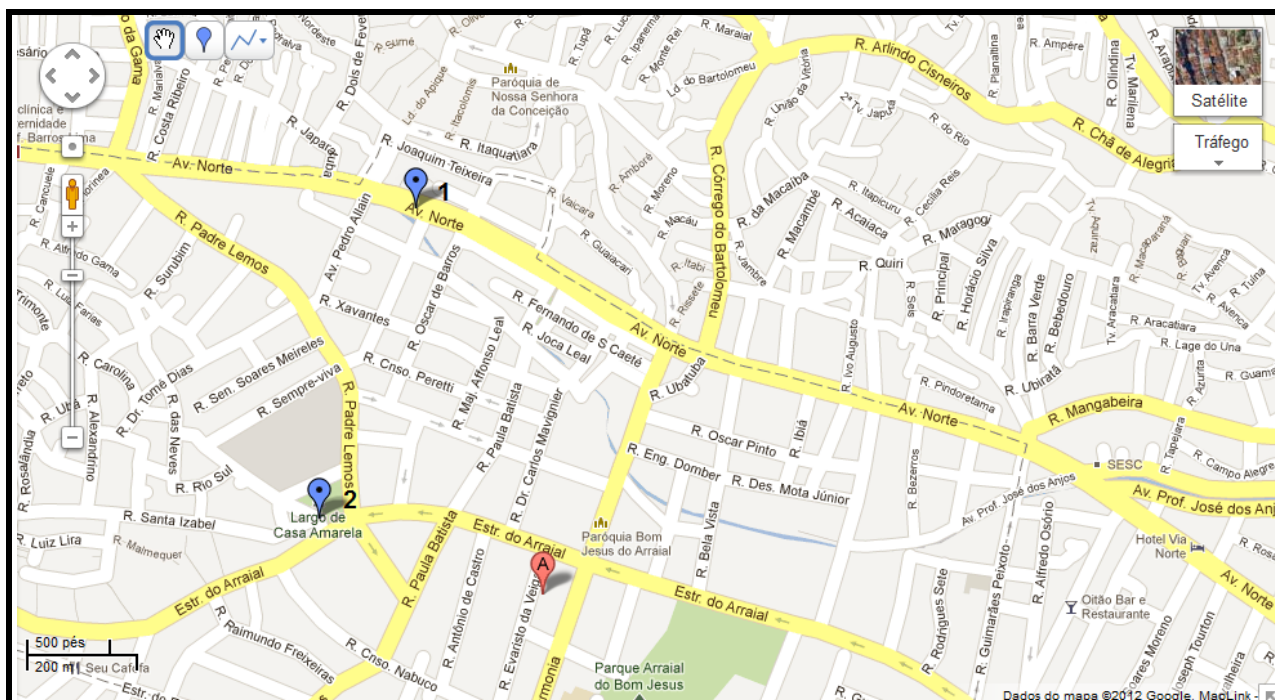
01



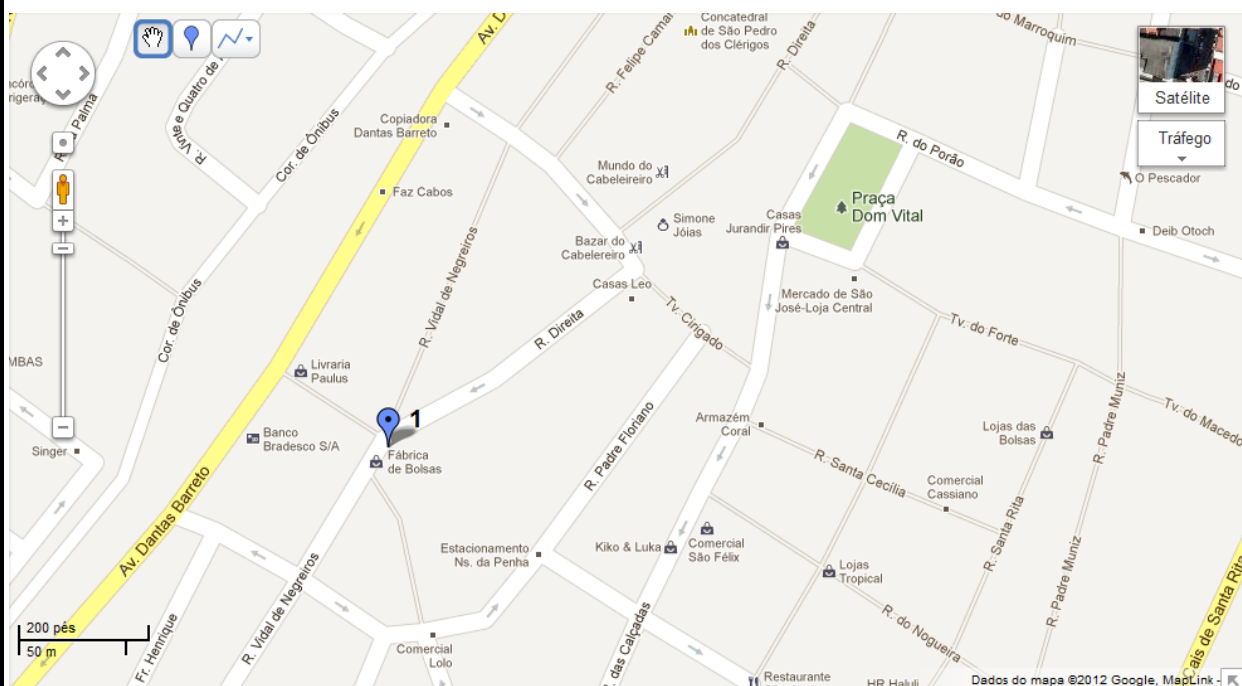
(Mapa: 1- Avenida Guararapes / 2- Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Recife / 3- Avenida Nossa Senhora do Carmo / 4- Pátio de São Pedro / 5- Avenida Dantas Barreto / 6- Mercado de São José)



(Mapa: 1- Marco Zero do Recife / 2- Rua da Moeda)

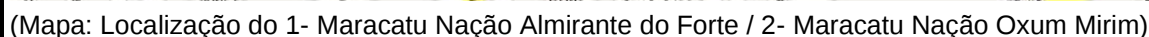
FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE**PE****01****01****12****F11****01**

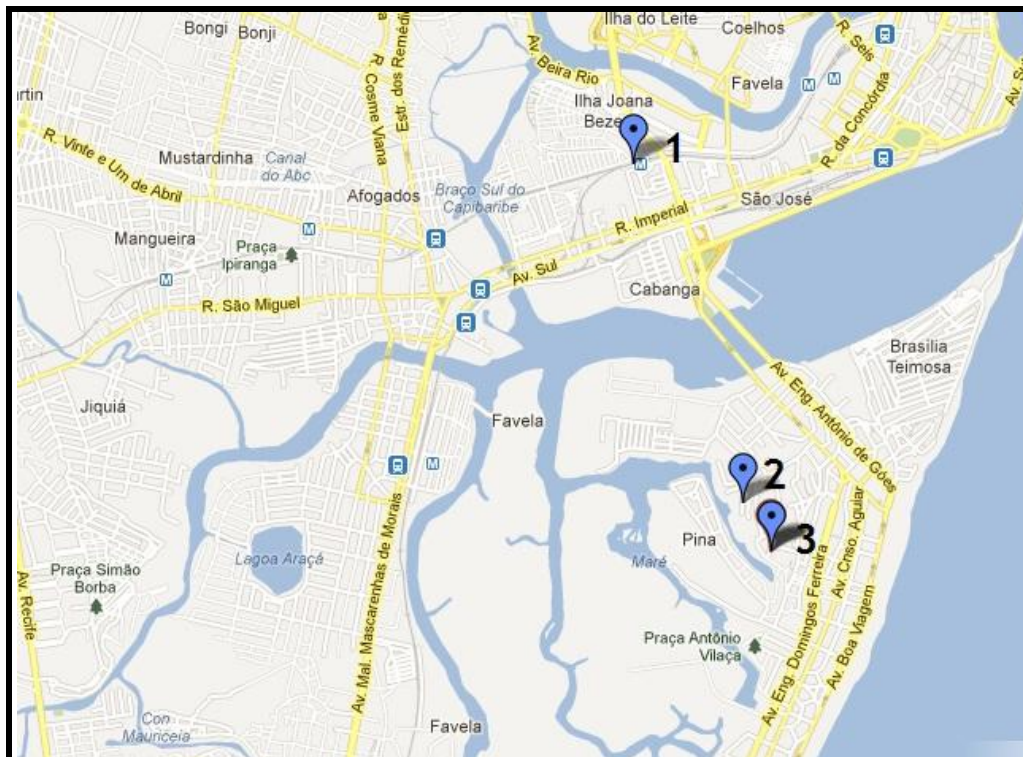
(Mapa: 1- Avenida Norte / 2- Mercado Municipal de Casa Amarela)



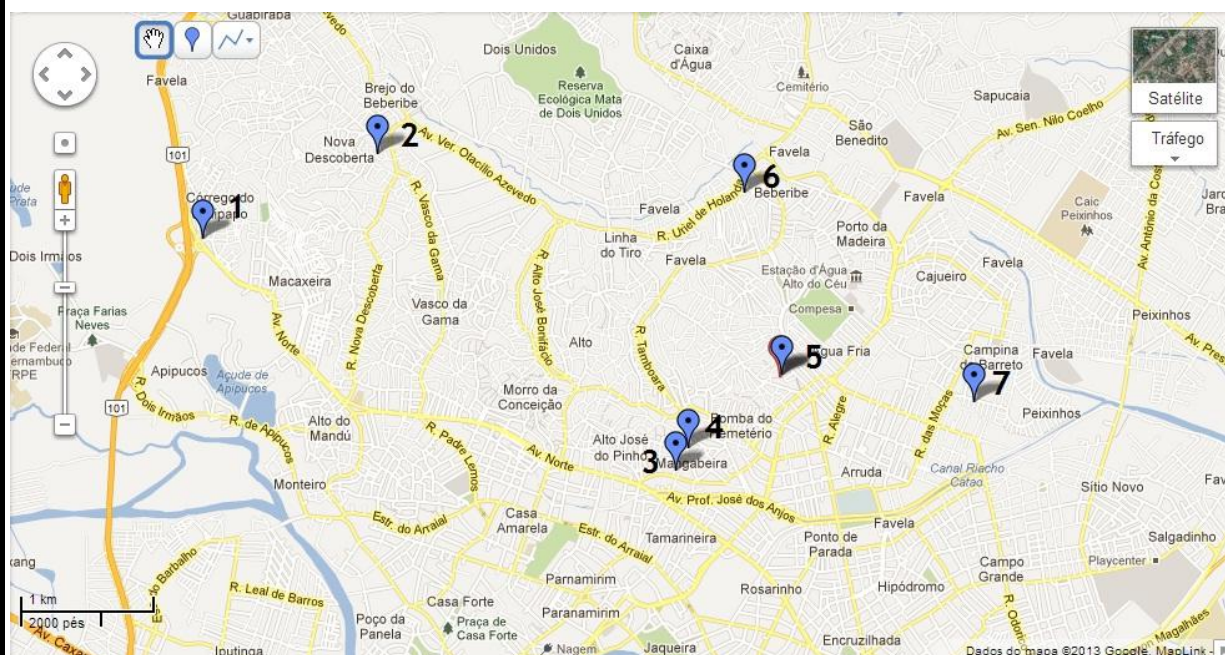
(Mapa: 1- Pátio do Terço)

01



FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE
PE
01
01
12
F11
01


(Mapa: Localização do 1 – Maracatu Nação Estrela Dalva / 2- Maracatu Nação Encanto do Pina / 3- Maracatu Nação Porto Rico)



(Mapa: Localização do 1- Maracatu Nação Tupinambá / 2- Maracatu Nação Encanto do Dendê / 3- Maracatu Nação Encanto da Alegria / 4- Maracatu Nação Estrela Brilhante do Recife / 5- Maracatu Nação Cambinda Africano / 6- Maracatu Nação Gato Preto/ 7- Maracatu Nação Cambinda Estrela)

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE				PE	01	01	12	F11	01
------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

6. LEGISLAÇÃO

INSTRUMENTOS DE PROTEÇÃO AMBIENTAL E PATRIMONIAL E DE PLANEJAMENTO	
Subvenção Carnavalesca: LEI Nº 15.627 (Criada em 28 de abril de 1992 – Assinada em Recife, pelo Prefeito Gilberto Marques Paulo) Ementa: Dispõe sobre subvenções das Agremiações Carnavalescas, Associações, além da participação destas entidades em eventos da cidade e dá outras providências. Art. 1º As subvenções destinadas às agremiações carnavalescas, inclusive escolas de samba filiadas à Federação Carnavalesca de Pernambuco ou não, Associações de moradores e federações, somente serão liberadas após apresentação de Projeto Específico, devidamente aprovado pela Fundação de Cultura Cidade do Recife juntamente com a Comissão Permanente de Carnaval. § 1º Os projetos deverão ser apresentados no prazo mínimo de 50 dias úteis anteriores ao evento, salvo em caso de grandes festividades coordenadas pela Prefeitura da Cidade do Recife, cujo prazo será de 30 dias antecedentes à elaboração do Projeto Oficial pelo órgão competente, a exemplo dos festejos de Carnaval, Natal, São João, Aniversário da Cidade e outros mais. Art. 2º As Agremiações Carnavalescas, inclusive associações contratadas para se apresentarem em eventos no centro da cidade, ficam também sujeitas à obrigação de realizar uma apresentação no bairro em que estão sediadas. Parágrafo único. Caberá a FCCR a elaboração do calendário do desfile das Agremiações contempladas com subvenções, podendo as apresentações, nas sedes, serem realizadas no mesmo dia do evento ou em datas diferentes, de acordo com referido calendário. Art. 3º O não cumprimento das disposições desta lei excluirá a agremiação infratora do recebimento das subvenções durante dois anos, até a exclusão definitiva, dependendo do grau da infração a critério da Fundação de Cultura Cidade do Recife. Art. 4º A agremiação infratora será concedido o prazo de 30 dias para apresentar defesa, devidamente assinada pelo seu presidente, a contar da ciência da decisão. Art. 5º A Fundação de Cultura do Recife apreciará a defesa oferecida pela agremiação no prazo de 30 dias. Art. 6º Da decisão que punir a agremiação, caberá recurso para o Conselho Deliberativo da FCCR, assinado pelo presidente da entidade, no prazo de 30 dias, a partir da ciência da medida. Art. 7º As subvenções, em final e início do ano (dezembro e janeiro), serão concedidas às entidades que, em funcionamento, com sede instalada e diretoria eleita, estejam aptas a apresentar livro-caixa e toda documentação contábil ao órgão referido no artigo 1º. Parágrafo único. Em caso do não cumprimento da apresentação de contas por parte da entidade, ficará a mesma, imediatamente suspensa, na forma do artigo 3º. Art. 8º Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.	
LEI Nº 16.215/96 EMENTA: Institui o Sistema de Incentivo à Cultura, concede Incentivos Fiscais a Projetos Culturais e dá outras providências O POVO DA CIDADE DO RECIFE, POR SEUS REPRESENTANTES DECRETOU, E EU, EM SEU NOME, SANCIONO A SEGUINTE LEI: CAPÍTULO I Das Disposições Preliminares Art. 1º - Fica Instituído o Sistema de Incentivo à Cultura-SIC, com a finalidade de incentivar, difundir, valorizar e preservar as artes e o patrimônio cultural da Cidade do Recife, através das mais variadas formas de expressão e manifestação. Art. 2º - O Sistema de que trata o Artigo 1º compreende os seguintes mecanismos: I - Mercenato de Incentivo à Cultura – MIC; II - Fundo de Incentivo à Cultura – FIC;	

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE				PE	01	01	12	F11	01
------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

III - Cadastro Cultural do Recife – CCR.

Art. 3º - Para efeito do disposto nesta Lei, as partes envolvidas ficam definidas como segue:

I – Incentivados - as pessoas físicas ou jurídicas de natureza cultural, de regime público ou privado, domiciliadas na Cidade do Recife, que tenham projetos culturais aprovados pela Comissão Deliberativa de que trata o Artigo 13 da presente Lei.

II - Incentivadores - as pessoas físicas ou jurídicas que, enquadradas no sistema que trata esta Lei, comprovem Ter contribuído com recursos financeiros para projetos culturais previamente aprovados pela Comissão Deliberativa de que trata o Artigo 13 da presente Lei.

Art. 4º - Os projetos culturais submetidos à Comissão Deliberativa do SIC deverão compreender, pelo menos, um dos segmentos culturais indicados a seguir:

- I - Música;
- II - Teatro, circo, ópera e dança;
- III - Cinema, fotografia e vídeo;
- IV - Literatura;
- V - Artes plásticas e gráficas;
- VI - Artesanato;
- VII - Pesquisa cultural e manifestações folclóricas;
- VIII - Patrimônio artístico e cultural.

CAPÍTULO II

Do Mecenato

Art. 5º - O Mecenato de Incentivo à Cultura-MIC, compreende a doação, o patrimônio ou o investimento em projetos culturais aprovados pela Comissão Deliberativa do Sistema de Incentivo à Cultura-SIC.

Parágrafo 1º - Ao incentivador que participe do SIC, através do Mecenato, será concedida uma redução, até o limite de 20% (vinte por cento), do Impostos Sobre Serviços-ISS que incide sobre suas atividades.

Parágrafo 2º - A redução a que se refere o Parágrafo 1º não poderá ultrapassar 1% (um por cento) da receita total do Imposto Sobre Serviços-ISS auferida pelo Município no exercício anterior, referente ao conjunto de incentivadores do SIC.

Art. 6º - A dedução de que trata o Artigo 5º, assim como, a aplicação do incentivo previsto nesta Lei ocorrerão exclusivamente no exercício em que se verifica a participação financeira no respectivo projeto cultural e unicamente para os projetos previamente aprovados pela Comissão Deliberativa do SIC.

Art. 7º - Os incentivadores poderão abater, do imposto devido ao município, o valor atribuído às doações, patrocínios e investimentos realizados em favor de projetos culturais, observando o disposto no Artigo 5º desta Lei e de forma que segue:

I - Doação - a transferência de recursos aos incentivados, para a realização de projetos culturais, citando-se exclusivamente o nome do doador, sem quaisquer finalidades promocionais, publicitárias ou de retorno financeiro, podendo abater 100% (cem por cento) do valor incentivado.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE				PE	01	01	12	F11	01
------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

II - Patrocínio - a transferência de recursos aos incentivados, para a realização de projetos culturais, com finalidades exclusivamente promocionais, publicitárias ou de retorno institucional, podendo abater até 70% do valor incentivado.

III - Investimento - a transferência de recursos aos incentivados, para a realização de projetos culturais, com vistas à participação nos seus resultados financeiros, podendo abater até 25% do valor incentivado.

Parágrafo Único - O mecanismo de preservação do valor real das doações e patrocínios e do total anual de renúncia fiscal de que trata o parágrafo anterior terá como índice de atualização, o mesmo utilizado para os tributos municipais.

CAPÍTULO III

Do Fundo de Incentivo à Cultura

Art. 8º - O Fundo de Incentivo à Cultura será constituído de recursos oriundos de:

I - Receitas provenientes de dotações orçamentárias;

II - Transferências da União e do Estado;

III - Outras fontes de recursos nacionais ou estrangeiras, públicas ou privadas;

IV - Multas resultantes do disposto no Artigo 23 da presente Lei;

V - Saldos financeiros de exercícios anteriores.

Art. 9º - Fica o Poder Público Municipal autorizado a abrir crédito especial, no valor de R\$ 100.000,00 (cem mil reais), destinados a promover a constituição do Fundo de que trata esta Lei.

Art. 10 - Os recursos que compõem o Fundo de Incentivo à Cultura serão empregados a fundo perdido, em percentual a ser definido pela Comissão Deliberativa do SIC.

Parágrafo Único - As pessoas jurídicas da Administração Pública Municipal, Estadual ou Federal poderão Ter projetos incentivados até o limite de 50% (cinquenta por cento) do montante disponível do FIC.

Art. 11 - Os recursos do Fundo de Incentivo à Cultura serão depositados em conta especial de instituição financeira oficial designada pela Prefeitura da Cidade do Recife e administrados pela Secretaria de Finanças.

Art. 12 - No caso de doação para o Fundo, através da guia de arrecadação, o valor doado será automaticamente abatido do imposto a recolher.

CAPÍTULO IV

Das Normas de Funcionamento do SIC

Art. 13 - O Sistema de Incentivo à Cultura – SIC será gerido por uma Comissão Deliberativa, composta por 5 membros natos do Poder Público Municipal e 4 membros da Sociedade Civil, descritos da forma que segue:

- I. Secretário de Educação e Cultura da Cidade do Recife
- II. Secretário de Finanças da Prefeitura da Cidade do Recife
- III. Diretor Executivo da Fundação de Cultura Cidade do Recife
- IV. Presidente do Conselho Municipal de Cultura
- V. Um Vereador indicado pela Câmara Municipal do Recife

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	PE	01	01	12	F11	01
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

VI. Quatro representantes da comunidade cultural.

Parágrafo 1º - Os titulares das instituições de que tratam os incisos I, II, e III deste Artigo poderão indicar, a seu critério, representantes para substituí-los.

Parágrafo 2º - Os membros indicados terão seus nomes homologados pelo Prefeito da Cidade do Recife, por Meio de ato específico.

Art. 14 - Os representantes da comunidade cultural serão escolhidos entre integrantes de entidades culturais, indicados de comum acordo entre si, e observado o disposto nos Artigos 16 e 19 tendo por mandato o período de 1 (um) ano, a contar da primeira reunião ordinária da Comissão Deliberativa, sendo permitida uma única recondução.

Parágrafo 1º - No caso da não indicação, nos prazos estabelecidos, do número de membros previstos para representar as entidades culturais na Comissão Deliberativa do SIC, a indicação de titulares e suplentes será efetuada pelo Conselho Municipal de Cultura e homologada pelo Prefeito da Cidade do Recife.

Art. 15 - A Comissão Deliberativa do SIC, será subordinada ao Conselho Municipal de Cultura e presidida por seu presidente.

Parágrafo Único - Nas reuniões em que se verificar a presença do Secretário de Educação e Cultura, a Comissão Deliberativa do SIC será presidida por seu titular.

Art. 16 - Compete ao Conselho Municipal de Cultura credenciar as entidades culturais e estabelecer as normas relativas à escolha dos representantes que integrarão a Comissão Deliberativa do SIC, ouvidas as entidades credenciadas.

Art. 17 - A primeira Comissão Deliberativa do SIC será instalada até 60 (sessenta) dias após a Regulamentação desta Lei.

CAPÍTULO V

Do Cadastro Cultural do Recife

Art. 18 - O Cadastro Cultural do Recife consiste no registro de informações sobre as pessoas físicas e jurídicas de natureza cultural, sediadas na Cidade do Recife.

Parágrafo Único - Cadastro Cultural do Recife será instalado até 30 (trinta) dias após a regulamentação desta Lei.

CAPÍTULO V

Das Disposições Finais

Art. 19 - Para os efeitos dos Artigos 13 e 14 desta Lei, considera-se Entidade Cultural as pessoas jurídicas de caráter associativo, sediadas na cidade do Recife, representantes dos segmentos culturais indicados no Artigo 4º desta Lei, desde que apresentem os seguintes documentos comprobatórios:

a) estatuto social comprovando a criação há no mínimo, 2 (dois) anos, segundo registro cartorial;

b) ata de eleição da última diretoria, devidamente registrada em cartório, com mandato vigente até a data em que se verificar a eleição dos seus representantes à Comissão Deliberativa do SIC.

Art. 20 - O incentivo fiscal de que trata esta Lei será representado por um certificado, entregue ao incentivado quando da aprovação do projeto pela Comissão Deliberativa do SIC.

Parágrafo Único - Os certificados referidos no caput deste artigo terão prazo de validade de até 12 (doze) meses, contados a partir da data de sua emissão.

Art. 21- Compete aos incentivados, incentivadores e a todos os que se relacionarem com o Sistema de Incentivo à Cultura-SIC, cumprir com o disposto na presente Lei e nas normas estabelecidas em sua Regulamentação.

Art. 22 - Ficam impedidos de beneficiar-se do SIC:

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE				PE	01	01	12	F11	01
------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

I. Os membros do Conselho Municipal de Cultura e da Comissão Deliberativa do SIC, seus dependentes e familiares até 2º grau e as pessoas jurídicas quais estes membros façam parte, na condição de titular ou sócio;

II. as pessoas jurídicas das quais os incentivadores sejam titulares ou sócios, 12 (doze) meses anteriores à data de apreciação dos projetos pela Comissão Deliberativa do SIC.

Art. 23 - Os contribuintes que estiverem em débito com a Fazenda Municipal não poderão obter os incentivos fiscais de que trata esta Lei e, além de sofrerem as sanções previstas em Lei, sujeitar-se-ão à perda ou inabilitação ao incentivo, por um período de 2 (dois) a 5 (cinco) anos, os incentivados e/ou incentivadores que:

I. utilizarem as vantagens do programa dolosamente, para fraudar o município;

II. deixarem de observar a legislação tributária do Município, especialmente no que se refere à retenção do imposto Sobre Serviços-ISS, quando cabível ou quando cometer crime de sonegação fiscal;

III. desvirtuarem as finalidades previstas e inobservarem as normas de que trata esta Lei;

Parágrafo Único - Além das sanções penais cabíveis, será cobrada uma multa de 10 (dez) vezes o valor incentivado para todos aqueles que não comprovarem correta aplicação desta Lei, por dolo, desvio do objetivo e/ou do recurso.

Art. 24 - Somente será permitida a utilização de um dos mecanismos de incentivo, por projeto.

Art. 25 - Compete aos Incentivadores do SIC dar conhecimento à Comissão Deliberativa do SIC e aos órgãos de fiscalização sobre os projetos culturais incentivados e seus respectivos montantes.

Art. 26 - As atividades resultantes dos projetos culturais incentivados por esta Lei serão desenvolvidas, prioritária e inicialmente na Cidade do Recife, devendo constar, em suas campanhas de divulgação, a seguinte menção:

Prefeitura da Cidade do Recife

Art. 27 - Somente serão objeto de incentivo projetos que visem a exposição, exibição e veiculação pública das atividades propostas, sendo vedada a concessão de incentivo destinado ou circunscrito a circuitos privados ou a coleções particulares.

Art. 28 - Os projetos aprovados no SIC poderão ter mais de 01 (um) incentivador.

Art. 29 - Das decisões da Comissão Deliberativa do SIC, caberá recursos ao Conselho Municipal de Cultura.

Art. 30 - Caberá ao Executivo a regulamentação da presente Lei, no prazo de 60 (sessenta) dias, a contar de sua vigência

Art. 31 - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Recife, 12 de Julho de 1996

JARBAS VASCONCELOS

PREFEITO DA CIDADE DO RECIFE

PROJETO DE LEI DE AUTORIA DO

PODER EXECUTIVO

(Fonte: <http://www.legiscidade.com.br/lei/15627/>)

7. AVALIAÇÃO E PERSPECTIVAS

7.1. PROBLEMAS E POSSIBILIDADES

A Subvenção Carnavalesca: LEI Nº 15.627 (Criada em 28 de abril de 1992 – Assinada em Recife, pelo prefeito Gilberto Marques Paulo) não tem se mostrado adequada ao contexto dos maracatus nação pernambucanos. De acordo com seu texto, a verba proveniente da subvenção é liberada em duas parcelas, após a apresentação de Projeto Específico a ser aprovado pela Fundação de Cultura da Cidade do Recife. Tal burocracia faz com que a primeira parcela da

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE		PE	01	01	12	F11	01
------------------------------------	--	----	----	----	----	-----	----

subvenção, que tem por objetivo auxiliar as agremiações a organizarem seus figurinos, desfile e apresentações no período carnavalesco, seja liberada com cerca de um mês de antecedência do carnaval. A segunda parcela é liberada cerca de um mês depois do término da celebração. Sabe-se que os maracatus nação necessitam de pelo menos quatro meses para confeccionarem seus figurinos, adereços e organizarem o resto da infraestrutura para as apresentações no carnaval. Desse modo, praticamente a totalidade dos grupos se obriga a realizar empréstimos em dinheiro por meio de agiotas, para conseguir financiamento para a compra e pagamento da mão de obra necessária para sua organização. A maioria dos grupos não se enquadra física ou juridicamente nos critérios estabelecidos pelas empresas especializadas em financiamentos, por isso recorrem a meios informais de empréstimo. O pouco conhecimento que esses grupos possuem acerca do processo burocrático solicitado pela lei de subvenção, como a prestação de contas, por exemplo, faz com que parte dos grupos demore ainda mais para receber as subvenções, interferindo diretamente em sua autonomia, mobilização de parceiros e qualidade técnica de sua performance.

A grande maioria dos maracatus nação está localizada em comunidades de baixa renda e de alto risco social, sem que disponham de bens e serviços básicos, como saneamento, escolas e postos de saúde. Muitos dos maracatuzeiros e maracatuzeiras vivem em condições precárias, em termos de habitação. Este dado é importante na medida em que sinaliza para a precariedade com que o bem é produzido cotidianamente, bem como as condições em que se mantém ao longo do ano, em sedes improvisadas nas residências de seus organizadores.

7.2. RECOMENDAÇÕES

A partir do exposto, recomenda-se que a subvenção carnavalesca chegue aos maracatus nação com maior antecedência para que eles possam se organizar para as celebrações do carnaval, sem adquirirem tantas dívidas. Recomenda-se também a oferta de uma espécie de oficina com a finalidade de orientar os maracatus nação em relação aos modos de se formalizar e organizar sua documentação e prestação de contas. Por conta da falta de conhecimento em relação a esses processos, muitos maracatus nação estão sujeitos à exploração vinda de terceiros.

Recomenda-se a organização de espaços culturais comuns entre os grupos para que possam se encontrar e socializar o saber-fazer dos diversos grupos.

Recomenda-se igualmente que a AMANPE possa ter uma sede própria para que os maracatus nação possam se organizar e oferecer cursos, oficinas, etc, aos seus associados.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE		PE	01	01	12	F11	01
------------------------------------	--	----	----	----	----	-----	----

8. DOCUMENTOS ANEXADOS

OBS.: VER ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA

ANEXO 3: BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SÍTIO: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24 RECIFE: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59
ANEXO 4: CONTATOS	RECIFE: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51
FICHAS DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS	FICHAS AGRUPADAS NA LOCALIDADE 01 - RECIFE F20 – 01 Abertura do Carnaval F20 – 02 Carnaval do Recife F20 – 03 Concurso das Agremiações Carnavalescas F20 – 04 Ensaios com Naná Vasconcelos F20 – 05 Noite dos Tambores Silenciosos F20 – 06 Terça Negra F20 – 07 Traga a Vasilha F30 – 01 Sede Maracatu Nação Almirante do Forte. F30 – 02 Sede Maracatu Nação Cambinda Estrela. F30 – 03 Sede Maracatu Nação Encanto da Alegria. F30 – 04 Sede Maracatu Nação Encanto do Dendê F30 – 05 Sede Maracatu Nação Encanto do Pina. F30 – 06 Sede Maracatu Nação Estrela Brilhante do Recife. F30 – 07 Sede Maracatu Nação Estrela Dalva F30 – 08 Sede Maracatu Nação Gato Preto. F30 – 09 Sede Maracatu Nação Leão da Campina. F30 – 10 Sede Maracatu Nação Oxum Mirim F30 – 11 Sede Maracatu Nação Porto Rico F30 – 12 Sede Maracatu Nação Rosa Vermelha F30 – 13 Sede Maracatu Nação Tupinambá F40 – 01 Maracatu Nação Almirante do Forte. F40 – 02 Maracatu Nação Cambinda Estrela. F40 – 03 Maracatu Nação Centro Grande Leão Coroado. F40 – 04 Maracatu Nação Encanto da Alegria. F40 – 05 Maracatu Nação Encanto do Dendê F40 – 06 Maracatu Nação Encanto do Pina. F40 – 07 Maracatu Nação Estrela Brilhante do Recife. F40 – 08 Maracatu Nação Estrela Dalva F40 – 09 Maracatu Nação Gato Preto. F40 – 10 Maracatu Nação Leão da Campina. F40 – 11 Maracatu Nação Oxum Mirim F40 – 12 Maracatu Nação Porto Rico F40 – 13 Maracatu Nação Raizes de Pai Adão F40 – 14 Maracatu Nação Rosa Vermelha

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	PE	01	01	12	F11	01
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	F40 – 15 Maracatu Nação Tupinambá F50 – 01 Bairro do Recife F50 – 02 Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Recife F50 – 03 Passarela F50 – 04 Pátio de São Pedro F50 – 05 Pátio do Terço
--	---

9. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

PESQUISADOR(ES)	Isabel Cristina Martins Guillen, Ivaldo Marciano de França Lima, Anna Beatriz Zanine Koslinski, Jailma Maria de Oliveira, Fernando Antônio Ferreira de Souza, Lydiane Batista de Vasconcelos, Fábio de Souza Sotero, Patrícia Roberta da Silva Araújo, Lunara Caroline Nascimento Gomes, Walter de França Filho, Juliana Ferreira Campos Leite, Angelina Lima.		
SUPERVISOR	Anna Beatriz Zanine Koslinski		
REDATOR	Patrícia Roberta da Silva Araújo, Lunara Caroline Nascimento Gomes, Juliana Ferreira Campos Leite,		DATA 26/10/2012
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Isabel Cristina Martins Guillen		